

DM

O Festival Eurovisão da Canção
Unidade e Diversidade Cultural Europeia

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Sofia José Camacho Malho

MESTRADO EM LITERATURA, CULTURA E DIVERSIDADE



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2023

O Festival Eurovisão da Canção
Unidade e Diversidade Cultural Europeia

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Sofia José Camacho Malho

MESTRADO EM LITERATURA, CULTURA E DIVERSIDADE

ORIENTAÇÃO

Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz



Faculdade de Artes e Humanidades
Mestrado em Literatura, Cultura e Diversidade

O Festival Eurovisão da Canção: Unidade e Diversidade Cultural Europeia

Sofia José Camacho Malho

Orientadora: Professora Doutora Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz

Funchal, Madeira

2023

Índice

Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract	7
Lista de Abreviaturas	8
Introdução.....	9
1. A Europa no mundo contemporâneo	11
1.1. Fronteiras Geográficas	17
1.2. Fronteiras Culturais.....	24
2. Festival Eurovisão da Canção	38
2.1. Das origens à atualidade	42
2.2. Canção a canção: intervenientes, língua e vestuário	51
2.3. Tendências, manifestações culturais e desafios	59
3. O Festival Eurovisão da Canção para a comunidade europeia	67
3.1. Unidade e Diversidade cultural (vista a partir de um inquérito).....	70
Conclusão.....	75
Bibliografia	77
Webgrafia.....	79
Anexos	83
Anexo 1 - Inquérito realizado sobre o Festival Eurovisão da Canção.....	83
Anexo 2 – Respostas ao Inquérito realizado sobre o Festival Eurovisão da Canção.	85
Anexo 3 - Letra completa de Vesna “My sister’s crown”.....	93
Anexo 4 – Letra completa de Let 3 “Mama ŠČ”	95
Anexo 5 – Letras das canções vencedoras dos últimos 10 anos do Festival Eurovisão da Canção.....	96
2013: Emmelie de Forest “Only Teardrops	96
2014: Conchita Wurst “Rise like a Phoenix”	97
2015: Måns Zelmerlöv “Heroes”	98
2016: Jamala “1994”	99
2017: Salvador Sobral “Amar pelos dois”	100
2018: Netta “Toy”.....	100
2019: Duncan Laurence “Arcade”	102
2021: Måneskin “Zitti e buoni”	103
2022: Kalush Orchestra “Stefania”	104
2023: Loreen “Tattoo”	105

Dedico esta dissertação à minha família e
amigos mais próximos. Foram o maior
apoio ao longo desta caminhada e estarei
eternamente grata.

A people without knowledge of their past
history, origin and culture is
like a tree without roots.

Marcus Garvey

Agradecimentos

É com muita felicidade que dou por terminada mais esta etapa da minha caminhada no ensino universitário. Foi um caminho repleto de trabalho, dedicação, mas acima de tudo, entrega pessoal. Foram 5 anos de sorrisos e medos que me permitiram crescer enquanto pessoa e enquanto estudante. De um modo geral, gostava de agradecer a todos os docentes e colegas, de licenciatura e de mestrado, que me acompanharam neste percurso e que, de forma direta ou indireta, contribuíram para as boas memórias que levo no coração.

Queria agradecer à minha família por todo o carinho e apoio ao longo dos anos, por estarem sempre disponíveis a ajudar-me e interessar-se pelas minhas coisas. Aos meus pais, um obrigado não será suficiente para vos agradecer pela forma como me educaram a ser lutadora e a trabalhar por todos os objetivos que tenho em mente.

Aos meus amigos mais próximos, especialmente ao Francisco que esteve e está sempre disponível para mim, dando-me sempre o seu apoio. À minha melhor amiga, Lúcia, que apesar da distância geográfica que agora existe entre nós, já me acompanha há largos anos e me apoia sempre nas minhas decisões, estando sempre presente quando preciso. Às minhas demais amigas, Yoselyn e Natacha, muito obrigada por todo o vosso apoio e companhia. Aos meus amigos que me ajudaram a completar uma parte desta dissertação, muito obrigada pela vossa disponibilidade e pelo vosso carinho para completar este objetivo.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Isabel Moniz, que entrou neste desafio comigo e que conseguiu tornar a minha visão da dissertação em algo palpável e com significado. Todos os seus conselhos e motivação permitiram que conseguisse completar este marco na minha história individual. Foi um prazer ter sido orientada por si.

Resumo

O Festival Eurovisão da Canção é uma das competições internacionais mais reconhecidas pela sua projeção mundial e pelo encontro de diferentes culturas, que teve o seu início no século XX. Esta manifestação cultural é composta por diferentes povos, com passados e tradições distintas, favorecendo um *melting pot* de elementos díspares, e uma conjugação de aspetos culturais distintos, mas também com semelhanças entre si. A multiculturalidade é levada ao seu expoente máximo pela comunicação e convivência entre os integrantes desta competição. Contudo, é na diversidade que se centra o foco desta investigação, isto é, de que forma um concurso musical pode permitir um sentimento de unidade e/ou diversidade dentro de um determinado espaço de influência, sendo ele, o espaço europeu. Devemos refletir que, atualmente, o Festival Eurovisão da Canção não se encontra circunscrito à Europa, tendo sido o seu raio de influência alargado além-fronteiras. Este estudo apresenta ainda um inquérito realizado via *online*. As respostas permitem-nos afirmar que existe um sentimento de unidade e diversidade no continente europeu, onde os elementos artísticos e culturais, tais como a língua, as melodias, o vestuário, entre outros, contribuem para a identificação de um povo, mas também facilitam e promovem o olhar que reflete na diversidade e na promoção da união.

Palavras-Chave: Festival Eurovisão da Canção, cultura, unidade, diversidade, multiculturalidade, identidade.

Abstract

The Eurovision Song Contest is one of the most recognized international competitions due to its worldwide projection and the meeting of different cultures, which began in the 20th century. This cultural event is made up of different peoples, with different pasts and traditions, favoring a melting pot of disparate elements, and a combination of distinct cultural aspects, but also with similarities between them. Multiculturalism is brought to its peak by the communication and coexistence between the members of this competition. However, it is in diversity that the focus of this research is centered, that is, in what way a music contest can allow a feeling of unity and/or diversity within a certain area of influence, which is the European sphere. We should bear in mind that the Eurovision Song Contest is no longer confined to Europe, but has extended its radius of influence across borders. This study also includes an online survey. The responses allow us to affirm that there is a feeling of unity and diversity on the European continent, where artistic and cultural elements such as language, melodies, clothing, among others, contribute to the identification of a people, but also facilitate and promote a view that reflects on diversity and the promotion of unity.

Keywords: Eurovision Song Contest, culture, unity, diversity, multiculturalism, identity.

Lista de Abreviaturas

ABU – Asia-Pacific Broadcasting Union;

CECA – Comunidade do Carvão e do Aço;

EBU - European Broadcasting Union;

FEC – Festival Eurovisão da Canção;

FECJ – Festival Eurovisão da Canção Júnior;

IBU - International Broadcasting Union;

OIRT - International Radio and Television Network (Eastern Europe);

OTAN/NATO – Organização do Tratado Norte;

RAI – Radio Audizioni Italiane;

SN – Sociedade das Nações;

UE/EU – União Europeia.

Introdução

O Festival Eurovisão da Canção é uma das manifestações artísticas e culturais mais populares no espaço europeu e além-fronteiras, alcançando um papel fulcral quando pensamos na cultura e no modo como esta pode ser apresentada àqueles que, por vezes, se encontram mais distantes, em termos geográficos. Esta competição coloca em palco diferentes povos, com tradições e costumes distintos, unidos em prol da música e da convivência.

É com este propósito que desenvolvemos esta investigação, para tentarmos perceber de que forma é vivido o Festival Eurovisão da Canção e de que modo se poderá apreender um sentido de multiculturalidade no continente europeu. Para contextualizar este concurso recorreremos a elementos históricos, a fim de perceber como é que o povo europeu se sente em relação aos seus semelhantes. Para tal, entendemos necessário conhecer a história do Velho Continente para que se possa compreender a realidade cultural refletida nos tempos de hoje. Neste sentido, começaremos esta dissertação pela história do continente europeu, para refletirmos sobre os diversos povos e o seu papel na fundação de grande parte dos elementos e relações que nos identificam enquanto indivíduos de uma nação. Assim, tentaremos perceber o contexto em que surgiu o festival e de que forma o passado contribuiu e fundamentou a sua criação. Procuraremos também analisar o modo como o público vive esta competição, para tentarmos perceber se existe um sentimento de unidade e/ou diversidade inerente ao mesmo.

Para que seja possível uma abrangência maior a nível de resultados, utilizaremos diferentes metodologias. A pesquisa bibliográfica, tanto física como digital, está na base da metodologia da nossa investigação. Recorreremos ainda à realização de um inquérito *online* para melhor tentar perceber a opinião dos telespectadores acerca do Festival Eurovisão da Canção. Propomo-nos, pois, entender o modo como uma manifestação artística congrega em si povos e culturas distintos. Num primeiro momento, partimos de uma análise histórica que permitirá elencar os países e como estes comunicam desde os primórdios até à atualidade, para tentar compreender se o passado em comum dos mesmos facilita a cumplicidade no espaço europeu. Em seguida, daremos uma maior atenção ao Festival Eurovisão da Canção e de que forma este promove a cultura, seja ela individual, seja ela europeia. O inquérito que referimos anteriormente irá completar as informações que desenvolveremos. Será que fatores culturais, tais como a língua, podem se apresentar

como promotores da individualização de um país? De que forma o passado histórico pode facilitar a manutenção da comunicação ou dificultá-la? São estas e outras questões que nos propomos desenvolver ao longo da nossa investigação.

A história da Europa não é linear
e também não o é a sua identidade possível.

Vasco Graça Moura¹

1. A Europa no mundo contemporâneo

Quando refletimos sobre o continente europeu, percebemos que a sua história é vasta e que se desenvolveu ao longo de vários séculos, tendo-se tornado na referência cultural dos nossos dias. Contudo, se pretendermos refletir sobre a sua fundação, não podemos deixar de analisar a mitologia grega e, por conseguinte, o mito de Europa. Europa era filha de Agenor, rei da Fenícia, e de Teléfassas. O mito conta-nos que, perante o encontro de Zeus com Europa, numa praia, este fica arrebatado pela sua beleza ao vê-la entre as diferentes pessoas que a rodeavam. Foi nesse preciso momento que, motivado pelo desejo de tê-la consigo, se terá transformado num touro branco. Ao aproximar-se de Europa, esta decide tocar nele e depois de perceber que este não constituía qualquer ameaça sobre si, decide subir para o dorso do animal. Com este movimento por parte da jovem, Zeus desata a correr pelo mar fora até à ilha de Creta. Aquando da sua chegada, o deus assume a sua forma normal. Ambos decidem permanecer naquele local, na atual Grécia, continente europeu, deixando as raízes fenícias, ou o que consideraríamos a Ásia. Enquanto isto, Agenor e os seus quatro outros filhos faziam todos os possíveis para poder encontrar Europa, que havia desaparecido misteriosamente no oceano. Apesar dos esforços, ninguém conseguiu encontrá-la. Sabemos que dá à luz três filhos, Minos, Sarpédon e Radamante, graças a essa nova união. Muitos investigadores acreditam que esta princesa está na origem do que hoje consideramos a Europa. Este mito permite-nos um retrocesso, na medida em que, “remete para a cultura antiga, para o passado [...]”

¹ A epígrafe é retirada da obra de Vasco Graça Moura, *A Identidade Cultural Europeia*, de 2013, na página 21.

Como apontado, os mitos estão frequentemente associados à fundação de algo. Todavia, deveremos ver em que sociedade se enquadram. Os Gregos e os Romanos foram dois dos povos mais influentes no continente europeu desde os primórdios dos tempos. Observavam a cultura, reservando-lhe um lugar de destaque. Ambas as civilizações podem ser consideradas o berço de diferentes elementos que, nos tempos de hoje, se destacam como importantes, como é o caso do direito, da política ou da tecnologia. Para a nossa investigação, iremos debruçar-nos sobretudo em três aspetos específicos: a linguagem, a arte e a religião.

A civilização grega abriu as portas para a civilização romana, partilhando elementos comuns ou elementos que decorrem do anterior, como é o caso da religião. Encontramos o culto do fantástico, isto é, os deuses, que se distinguiam entre si, no caso das culturas gregas e romanas. A título de exemplo, podemos referir que na Grécia, encontramos Zeus, como o pai dos deuses e dos homens, equivalendo a Júpiter, em Roma, e muitos outros casos. Contudo, com o surgimento da religião cristã, que analisaremos mais adiante, no Império Romano, o Cristianismo passou a deter mais importância e a ser um ponto fulcral no desenvolvimento da sociedade ocidental. Também a linguagem surgiu com estes povos, sobretudo as que perduram no continente europeu, apesar de todas as transformações que sofreram desde esses tempos, como explicaremos num próximo ponto. Nos diferentes elementos relacionados com o mundo artístico, as duas nações serviram de base para todos os processos que estiveram na origem cultural de diferentes civilizações. O teatro foi, talvez, na história do mundo grego, uma das maiores fontes de manifestações culturais, tendo sido fundamental para outras que se seguiram. Também os diferentes traços arquitetónicos, as esculturas, as danças, as pinturas e as obras literárias contribuíram para a forte permanência e influência de certos traços característicos destas sociedades. Percebemos que a cultura vai para além do que consideramos enquanto movimentos culturais, sendo a cultura nestes períodos toda a envolvente de um determinado povo, num certo local.

A religião, como já foi referido, teve um papel fundamental e passou por diferentes fases, sendo os deuses, em certa medida, num primeiro momento objeto de admiração e veneração de um ser superior ao Homem. Para que possa haver uma nova etapa no que toca à religião em contexto europeu, devemos relembrar dois movimentos, um destes europeu, ligado à filosofia grega, e outro proveniente do exterior, a religião judaica, a

forma religiosa mais antiga que conseguimos encontrar. Um nome que poderíamos vir a associar é Fílon de Alexandria, um filósofo que uniu estes pensamentos:

Many of his writings are extant. They offer a unique access to a mode of thinking that is based on the Bible and Jewish traditions, but is deeply influenced by Hellenism and in particular the doctrines of Greek philosophy. His allegorical method of exegesis and his theology in turn exercised a strong influence on the thought of the early Church Fathers, who ensured the survival of his works (David T., 2019: s/p).

A religiosidade passou a deter, com o passar dos anos, uma maior influência na sociedade em que se encontrava contígua. A fé permitiu aos indivíduos uma crença em algo superior, que poderia guiar os mesmos. Foi em resultado do que acabámos que referir que surgiu o Cristianismo, uma das maiores demonstrações de religiosidade presente no continente europeu até os dias de hoje. Esta forma assenta no culto e no credo na vida de Jesus Cristo e dos ensinamentos que estão presentes no grande livro desta religião, a Bíblia. No entanto, houve períodos em que esta religião viu o seu *core* ser afetado. A divisão dos cristãos em católicos, ortodoxos e protestantes, desde o século XIV/XV, veio abrir a possibilidade de fundação de, além de outras formas de crença num ser superior, ramificar uma dada religião consoante o local em que esta mesma é praticada:

[...] as Religiões existem, são um facto incontornável, têm a maior importância no destino das sociedades que as adoptam e são, por outro lado, mais ou menos influenciadas pelas culturas dessas sociedades (Carmo, 2001: 27).

Em particular, no século XXI, percebemos que a religião perspetivou e conseguiu, mesmo que sem esse propósito, aumentar esses ramos de que falamos, estando alguns deles ligados ao extremismo, especialmente em regiões como o Médio Oriente, África, entre outros. Essas regiões contêm diferentes visões religiosas, contribuindo para uma confluência e, por vezes, choque de perspetivas diferentes.

Ao longo de todos os séculos, é possível encontrarmos períodos conturbados ligados a disputas, guerras ou pandemias, que foram prejudiciais para o continente europeu. Disso pode ser exemplo a Revolução Francesa, em pleno século XVIII, pelo impacto que teve, não só na nação francesa, como também a nível mundial. Esta revolução assentava na ideia de liberdade extensível a todos os indivíduos, sem exceção,

do povo francês, relativamente a amarras invisíveis que ditavam e limitavam as escolhas individuais. A monarquia absolutista foi derrubada, afastando os privilégios feudais, aristocráticos e religiosos, e assim abrindo caminho para uma governação nacionalista, invocando os ideais iluministas de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Ainda assim, foram diversos os conflitos armados que esta potência travou contra algumas pátrias europeias que ainda se encontravam submetidas à monarquia. Exemplo de alguns desses países podem ser Áustria, Portugal, Rússia, Espanha, Países Baixos, Reino Unido, entre outros. A história política do Velho Continente viria a mudar drasticamente após a Revolução Francesa, demonstrando que poderia haver outros meios, afastados dos poderes tradicionais, para uma soberania política, mais justa e nacionalista. Mais recentemente, e seguindo esta ótica, podemos ainda referir as Guerras Mundiais, conflitos que marcaram o século XX e que tiveram enormes repercussões no continente europeu. A par da Revolução Francesa, vieram a envolver dois grandes blocos, a Tríplice Entente e a Tríplice Aliança que dividiram o continente europeu em dois, tanto na Primeira como na Segunda Grande Guerra. Estes blocos ainda hoje mantêm alianças entre si e apresentam um grande poder de decisão em alguns órgãos que foram criados após esse conflito, com o objetivo de manter a paz internacional.

Para que fosse possível um armistício, como expusemos no parágrafo anterior, houve a necessidade da criação de instituições europeias e internacionais que contribuíssem para a garantia da democracia, da igualdade, do respeito e da solidariedade entre os membros. Foi assim que, em 1951, nasceu a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), designada, posteriormente de União Europeia (UE). Esta organização apresenta um grau crescente no que toca à sua importância para os europeus, estando na mira de diferentes países que ainda não fazem parte dessa comunidade e que desejam poder vir a integrar.

A Europa dos dias de hoje concentra em si uma enorme variedade multicultural ligada aos povos que a compõem e aos que estiveram na sua fundação enquanto continente. Neste sentido, os processos de desenvolvimento e fixação das suas fronteiras nacionais parecem-nos relevantes para que possamos analisar o seu contributo e impacto num determinado país ou região. É possível afirmar que as nações europeias que integram a Europa deste século contêm vestígios de elementos distintos deixados pelos povos que habitaram primordialmente este continente, como já tivemos oportunidade de explicar. Estes elementos podem estar ligados ao passado histórico, tanto do local como da

população, as tradições culturais que perduraram e foram transmitidas de geração em geração, a própria escrita e língua de um país e a sua religião. É claro que, com o desenvolvimento da sociedade, ao longo dos diferentes momentos que abordámos, podemos aprofundar as semelhanças, mas também as diferenças entre as nações. O caminho para a unidade intracontinental irá residir não só nas diferenças e nas semelhanças, mas também na forma como estas nações cooperam entre si para a manutenção da paz e como se aproximam ou afastam consoante os elementos que elencámos anteriormente. Estes pontos, aliados ao FEC, poderão ajudar a demonstrar de que forma a cultura de cada país contribui para a multiculturalidade europeia, questão que constitui objeto da nossa atenção e à qual tentaremos dar resposta ao longo da nossa investigação.

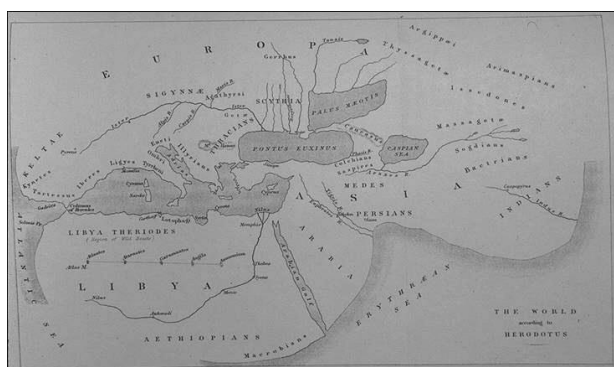
1.1. Fronteiras Geográficas

Quando observamos um mapa geográfico do continente europeu é possível constatar que, na sua constituição, ao longo dos diferentes séculos, os países integrantes e as suas fronteiras foram-se alterando pelas mais variadas razões. Nos dias de hoje, se pretendermos delimitar qual é o território considerado europeu iremos ter, a norte, o Oceano Glacial Ártico, a sul, o Mar Mediterrâneo e o Mar Negro, a oeste, o Oceano Atlântico, e, a leste, os Montes Urais, localizados na Rússia, havendo uma parte russa europeia e uma parte russa asiática.



Mapa 1 - Mapa da Europa.

Contudo, nem sempre foi assim tão claro, a nível territorial, delimitar a extensão desta região devido aos impérios que se consolidaram ao longo da história. Encontramos no século V a.C., Heródoto, historiógrafo grego, que, segundo Cícero, seria o pai da História como a conhecemos. Baseado nos seus escritos da época, encontramos uma representação do mundo e, conseqüentemente, delimitação dos continentes distinta das demais devido aos seus conhecimentos sobre os diferentes povos de cada continente.



Mapa 2 - Mapa do Mundo segundo Heródoto V a.C.

Com o desenvolvimento dos povos, as conquistas e perdas territoriais, o continente europeu foi-se constituindo com gentes provenientes de outros lugares e portadores de outras culturas. Como abordado anteriormente, os diferentes impérios que ocupavam lugar no que consideramos hoje em dia o continente europeu tiveram um papel fulcral no estabelecimento de diferentes elementos, como a língua, tema que iremos desenvolver num ponto seguinte.

Quando refletimos sobre este tópico, afigura-se-nos importante referir três grandes impérios: Romano, Otomano e Califado Omíada. Tanto o Império Romano como o Império Otomano são-nos mais presentes a nível histórico, uma vez que fazem parte da fundação de grande parte do espaço que conhecemos enquanto Europa. O Império Otomano, apesar de ter surgido séculos mais tarde, é considerado fundamental na preservação e consolidação de diversas tradições das regiões que conquistaram ao longo de cerca de três séculos. Os turcos passaram a olhar para os elementos culturais dos locais que conquistavam e traduziram esses pontos numa nova forma cultural que passaria a definir o que é a identidade cultural desse império. Apesar da adição de novos elementos fruto deste movimento, podemos encontrar ainda, dos povos primordiais europeus, como os persas, elementos característicos. É na arquitetura que conseguimos observar melhor a influência dos persas e da parte mais oriental europeia ligada ao islão. As mesquitas, os túmulos e outros pontos culturais detinham lembranças de componentes característicos de outras partes europeias como o Barroco, com forte presença na arquitetura portuguesa, ou o Rococó, ligado à cultura francesa, sendo “como [um] desdobramento do barroco, mais leve e intimista que aquele e foi usado inicialmente em decoração de interiores” (Imbrosi, 2023: s/p). Já o Califado Omíada apresenta-se como um império menos abordado na história europeia. Isto pode suceder-se devido a duas razões: por se localizar maioritariamente em áreas mais orientais do continente europeu e/ou por estar mais ligado à religião islâmica:

É indubitável que os homens elaboraram culturas diferentes em virtude do seu afastamento geográfico, das propriedades particulares do meio e da ignorância em que se encontravam em relação ao resto da humanidade, mas isso só seria rigorosamente verdadeiro se cada cultura ou cada sociedade estivesse ligada e se tivesse desenvolvido no isolamento de todas as outras (Lévi-Strauss, 1996: 15/16).

Todos estes processos tornaram o Velho Continente num local de confluência de diferentes culturas e tradições. De certo modo, encontramos uma aprimoração do conceito que atualmente é muito utilizado, multiculturalidade. O multiculturalismo está diretamente associado à globalização e ao fenómeno de êxodo de um determinado local. “Multiculturalismo não designa apenas uma realidade fixa e homogénea, clara e univocamente configurável por alguns traços essenciais susceptíveis de serem universalizados a todos os posicionamentos que enfrentam e que o tematizam” (André, 2012: 26). O multiculturalismo favorece um *melting-pot*, ou seja, através da convivência entre diferentes gentes, com passados e tradições distintas, poderemos vir a descobrir uma nova identidade que pode estar ligada a um determinado local, como aconteceu nos impérios que anteriormente listámos. A aceitação de tradições e elementos culturais exteriores a um determinado povo permite-lhes a convivência com os povos conquistados de uma maneira mais simples e contribui para promover as diferenças. Contudo, devemos compreender que este conceito pode concentrar em si uma pluralidade de significados, tais como uma aceção descritiva, ligada à dimensão descritiva de multiculturalismo, e a aceção normativa, provocando controvérsia:

Entretanto, o contexto em que convocámos para esta reflexão o fenómeno da globalização é o de uma reflexão sobre identidade, identidades e multiculturalidade e o que é certo é que, apesar da sua pré-história e da sua história, as características com que tal fenómeno hoje se apresenta, articuladas com o fenómeno da sociedade-em-rede, e as implicações que tem sobre a esfera cultural, marcam com novos traços o fenómeno da multiculturalidade e contribuem também para sublinhar as insuficiências do conceito de cultura a que acabámos de fazer referência (André, 2012: 39/40).

A identidade tal como nos é apresentada por José Maria André, em *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem: o diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião*, é algo que é inerente ao indivíduo e que se apresenta fulcral quando pensamos nas singularidades que cada detém num local de confluência. Por sua vez, essa interação entre gentes com culturas distintas promove um fenómeno denominado de mestiçagem, levando à origem de seres mestiços por natureza. Este fenómeno expandiu-se largamente na época do colonialismo, pelos europeus, que chegavam às regiões até então desconhecidas. Em contexto europeu, podemos refletir no conceito de mestiçagem se relembrarmos os primeiros povos colonizadores deste mesmo

continente. Incluindo nós, os portugueses, podemos ser considerados mestiços, remontando à época das disputas pela Península Ibérica, existindo ainda, hoje em dia, diversos aspetos relacionados com este mesmo fenómeno, como é o caso de elementos ligados à história árabe e a presença africana, incluindo o Fado, melodia tão característica da identidade portuguesa. Poucos são os povos que se podem definir como “puros”, no sentido de se manterem fiéis a toda a história e ADN do seu povo, existindo somente em regiões mais remotas do globo. As fronteiras físicas de países ou regiões tornam-se mais ténues quando pensamos nas identidades e nas caracterizações de cada povo, embora estas tenham sido revistas ao longo dos séculos devido a disputas que podiam alterar a nossa visão e identificação de cada local:

The very concepts of homogenous national cultures, the consensual or contiguous transmission of historical traditions, or ‘organic’ ethnic communities – as the grounds of cultural comparativism – are in a profound process of redefinition (Bhabha, 1994: 5).

Após a queda dos grandes impérios, o estabelecimento das fronteiras sofreu alguns percalços ao longo dos tempos. Se pensarmos em pleno século XV, o *layout* europeu passou a incluir muitos mais países, frutos das desintegrações imperiais, e já encontramos estabelecidos alguns países que reconhecemos atualmente como Portugal, Inglaterra, Hungria e França, por exemplo. É de salientar que estes dois últimos países, apesar de os reconhecermos, não continham ainda as fronteiras ou a localização, tal como as conhecemos neste século.



Mapa 3 - Mapa da Europa em 1400.



Mapa 4 - Mapa da Europa em 1900.

Importa refletir sobre um dos séculos recentes mais importantes a nível histórico para a nossa sociedade que é o século XX. Cada nação experienciou diferentes acontecimentos, mas, algo em que quase todos participaram foi as Guerras Mundiais, seja a Primeira ou a Segunda. O clima de instabilidade bélico entre 1914 e 1945, na Europa, moldou grande parte dos povos que se envolveram nesses conflitos à escala mundial. Foi em resultado da Primeira Grande Guerra que as fronteiras europeias se alteraram de forma significativa, acabando com o reinado de grandes impérios como o alemão, o austro-húngaro, o russo e o otomano, mas, permitiu o estabelecimento de novas nações como a Áustria, a Hungria, e, inclusive, a independência de muitos estados como a Finlândia, a Polónia, entre outros. Foi graças às ligações que estes recém-independentes estados detinham com os impérios anteriores que moldaram as suas culturas, partindo assim, de um ponto base comum.

A formação da Sociedade das Nações (SN), em 1919, possibilitou um começo no tratamento da estabilidade geopolítica europeia após o conflito armado. Contudo, o ambiente de paz que havia sido produzido pela assinatura dos diferentes tratados de paz foi dissolvido, havendo o despoletar da Segunda Guerra Mundial, anos mais tarde. Esse acontecimento é considerado, no campo histórico, como um dos mais marcantes pelo número de perdas humanas que veio a causar em ambos os lados que se opunham. Por uma segunda vez, no século XX, as fronteiras e os poderes nacionais viram outros chegar ao seu poder, como foi o caso da divisão da Alemanha, um dos protagonistas neste conflito armado, em República Federal da Alemanha e República Democrática da Alemanha. Da mesma forma, como vimos a criação da SN após o desfecho da Primeira Grande Guerra, duas novas alianças militares internacionais foram criadas para colmatar as diferenças e pôr em prática a paz na Europa, sendo essas a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), em 1949, e o Pacto de Varsóvia, em 1955. Apesar dos objetivos comuns para a manutenção de um clima de estabilidade, não só europeu, mas global, a Guerra Fria veio colocar tensão nas relações políticas.

Mas não só os conflitos contribuem para a alteração das fronteiras dos países que compõem o continente europeu. Três grandes dissoluções geopolíticas, no fim do século XX, permitiram a independência de distintos lugares. A dissolução da União Soviética deu início a um processo, em dezembro de 1991, num clima de paz entre a Rússia, a Ucrânia e a Bielorrússia. No ano seguinte, a Checoslováquia dividiu o seu espaço de influência em dois países diferentes, a República Checa e a Eslováquia, tendo sido uma

divisão em que a equidade reinou, seja a nível de bens do Estado, seja a nível de outros elementos. Este acontecimento ficou conhecido como o “Divórcio de Veludo”. Por último, mas não menos importante para a nossa análise, foi a desintegração da Jugoslávia, uma região báltica, facto que veio a concentrar em si mais países. Enquanto no caso da Checoslováquia o mundo assistiu a uma separação amigável, onde ambas as nações viram o seu poderio ser dividido equitativamente, na Jugoslávia deu-se uma série de conflitos e instabilidade, relacionados com a economia, problemas estruturais, entre outros, que levou esta dissolução e conseqüente formação de novos países, sendo eles Bósnia e Herzegovina, Croácia, Montenegro, República da Macedónia (que viria a tornar-se a Macedónia do Norte após conflitos com uma região grega), Sérvia e Eslovénia. Um dos casos que requer uma análise mais atenta prende-se com a situação do Kosovo, que por alguns países, como Portugal, é considerado país, e por outros, como Espanha, não. Todas estas unificações e desintegrações que ocorreram no continente europeu ao longo do século XX e, sobretudo, nas décadas finais deste mesmo período, vieram a alterar a geografia e dinâmicas europeias, facto que irá influenciar o nosso objeto de estudo, o Festival Eurovisão da Canção (FEC):

E, de facto, a seguir à Segunda Guerra Mundial desencadeou-se um intenso movimento de reflexão sobre o espírito europeu, a construção europeia, o humanismo, a violência, a guerra, a cultura, o progresso técnico e o progresso moral (Moura, 2013: 9).

Capaz de integrar as fronteiras invisíveis que compõem e sustentam o continente europeu, encontramos as Organizações, algumas que integram apenas países europeus e, noutros casos, extraeuropeus. A UE, fundada em 1951, inicialmente designada por CECA, como referimos no ponto anterior, tem como missão promover a paz em território europeu, fomentar a coesão territorial, no que concerne a nível económico e social, através de um mercado único sem fronteiras. O seu crescimento ao longo das décadas levou a que muitos países que integram esta organização tivessem um crescimento seguro em áreas distintas. O respeito e a aceitação de cada indivíduo, isto é, “respeitar a riqueza da diversidade cultural e linguística da UE” (União Europeia, s/d: s/p), são alguns dos valores promovidos pela mesma. Com o despoletar da guerra na Ucrânia, passámos a encontrar a OTAN, ou a Aliança Atlântica, no centro das negociações no que toca a uma aliança militar e política, promovendo a segurança de todos os seus estados-membros. É com este objetivo que a OTAN deve a sua fundação após a Segunda Guerra Mundial e

congrega países europeus e extraeuropeus. Apesar disso, o conflito bélico recente entre a Rússia e a Ucrânia veio despoletar uma necessidade, por parte de determinados países que ainda não faziam parte dessa organização, como a Suécia e a Finlândia, de passar a integrar os mesmos, visto o perigo iminente de conflitos armados.

Outros exemplos de organizações igualmente importantes para a convivência intraeuropeia e extraeuropeia podem ser dados através do Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização das Nações Unidas (ONU), Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) e a Organização Mundial do Comércio (OMC). Estas organizações possibilitam a interligação com gentes de pontos diferentes do globo, e permitem que exista uma interação e confluência de ideias e ideais que podem promover a aceitação do outro de uma forma mais simplificada.

1.2. Fronteiras Culturais

Como procurámos demonstrar no ponto anterior, é possível encontrar fronteiras geográficas que podem ditar a proximidade de determinados povos. Mas, devemos refletir também sobre o facto de que as fronteiras culturais, mesmo dentro de uma nação, poderem influenciar os indivíduos. Normalmente, este tipo de delimitação cultural não se observa a olho nu, mas apenas quando começamos a analisar os intervenientes na ação. É por essa razão que, para a nossa investigação, as fronteiras culturais se apresentam como mais relevantes face às geográficas. Em virtude disso, existem elementos fundamentais para a investigação em curso de que podem ser exemplo a língua, a escrita, a religião e as tradições. Porém, devemos refletir sobre o vocábulo que congrega todos estes itens, respetivamente a cultura. Quando procuramos definir o que é a cultura em si ou a cultura de um povo percebemos que este termo pode apresentar em si uma metáfora para todo o processo cultural que ocorre com os seres humanos. O que significa que, mais do que a primeira aceção do conceito cultura associado à “acção, processo ou efeito de cultivar” (Houaiss, 2003: 1152), normalmente associado ao cultivo da terra, a cultura vai mais além, podendo também ser definida como um:

conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes [...] (uma) forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um determinado lugar ou período) [...] (um) complexo de actividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins [...] (Houaiss, 2003: 1152).

Também, Mário Vargas Losa em *A Civilização do Espetáculo* considera que:

Ao longo da história, a noção de cultura teve diferentes significados e matizes. Durante muitos séculos foi um conceito inseparável da religião e do conhecimento teológico; na Grécia foi marcado pela filosofia e em Roma pelo direito, enquanto no Renascimento era impregnado sobretudo pela literatura e pelas artes. Em épocas mais recentes como o iluminismo foram a ciência e as grandes descobertas científicas que deram a orientação principal à ideia de cultura. Mas, apesar dessas variantes e até à nossa época, cultura sempre significou um conjunto de fatores e disciplinas que, segundo amplo consenso social, a constituíam e ela implicava: a reivindicação de um património de ideias, valores e obras de arte, de conhecimentos históricos, religiosos, filosóficos e científicos em

constante evolução de novas formas artísticas e literárias e da investigação em todos os campos do saber (Losa, 2012: 61).

Por sua vez, para Isabel Ferin:

Na Antiguidade Clássica, o conceito de cultura designa a acção que o homem realiza – quer sobre o seu meio, quer sobre si mesmo – no sentido de aperfeiçoar as suas qualidades e promover a cultura do espírito (Ferin, 2009: 35).

A cultura pode ser experimentação e reflexão, pensamento e sonho, paixão e poesia e uma revisão crítica constante e profunda de todas as certezas, convicções, teorias e crenças (Losa, 2012: 70).

Denys Cuche, antropólogo e professor na Universidade Paris Descartes, doutorado em etnografia, considera na sua obra *A Noção de Cultura* que “A noção de cultura é inerente à reflexão das ciências sociais [...] pensarem a unidade na diversidade da humanidade de outro modo que não em termos biológicos” (Cuche, 2006: 23).

Acrescenta ainda que:

Ao contrário da noção, mais ou menos rival dentro do mesmo campo semântico, de sociedade, a noção de cultura aplica-se apenas ao que é humano. E oferece a possibilidade de concebermos a unidade do homem na diversidade dos seus modos de vida e de crenças, incidindo a tónica, conforme os investigadores, ora mais na unidade, ora mais na diversidade (Cuche, 2006: 25).

Refere as ideias alemãs e francesas como forma de compreensão de concepções distintas como modelos de cultura, associadas a conceitos de nação, nacionalismo e a conquistas de diversos níveis:

A ideia alemã de cultura evolui, portanto, em certa medida, ao longo do século XIX, sob a influência do nacionalismo. Liga-se cada vez mais ao conceito de “nação”. A cultura releva da alma, do génio de um povo. A nação cultural precede e solicita a nação política. A cultura surge como um conjunto de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o património de uma nação, considerado como adquirido de uma vez por todas, e que fundam a sua unidade (Cuche, 2006: 37)

O debate franco-alemão entre os séculos XVIII e XIX é arquetípico das duas concepções de cultura, uma particularista e a outra universalista, que se encontram na base das duas maneiras de definir o conceito de cultura nas ciências sociais contemporâneas (Cuche, 2006: 38).

Isabel Ferin, que apresentámos anteriormente, demonstra-nos que “[...] o conceito de cultura passa a estar associado ao conceito de civilização, opondo-se-lhe ou complementando-o, mas sempre enfatizando o movimento em direcção ao desenvolvimento do indivíduo e das sociedades” (Ferin, 2009: 36). Refere também, em *Comunicação e Culturas do Quotidiano*, de que forma Malinowski, um antropólogo polaco ligado à fundação da escola funcionalista e ao estudo da etnografia, define cultura.

Malinowski define cultura como o todo integral que compõem os instrumentos e os bens de consumo, as castas constitutivas dos vários reagrupamentos sociais, as ideias, as artes, crenças e costumes atribuindo-lhe a função de satisfazer necessidades de carácter biológico/natural ou simbólicas (Ferin, 2009: 38).

De modo sintético, face aos diferentes sociólogos contemporâneos, como Talcott Parsons, Ferin refere que:

a sua concepção da Teoria da Cultura, ao longo de quatro décadas de produção, Talcott Parsons definirá genericamente cultura como um sistema complexo e relativamente coerente de significados, normas e valores que orientam a acção social (Ferin, 2009: 43).

Se associarmos as diferentes definições do conceito de cultura, apresentadas por Isabel Ferin, Denys Cuche ou Mário Vargas Losa, podemos afirmar que a cultura se reflete como uma aprendizagem, desde o berço para quem nasceu dentro de uma determinada cultura, como é o caso da maioria dos indivíduos ou, uma aprendizagem quando passam a integrar outra cultura que não aquela em que nasceram, como acontece com os emigrantes. Apesar desta diferença, compreendemos que por se apresentar como uma caminhada que envolve diferentes ramos, pode apresentar dificuldades para o indivíduo. Neste sentido, devemos repensar estes mesmos ramos para que possamos encontrar, na nossa investigação, elementos que contribuam para um sentimento de unidade e/ou diversidade, dentro do continente europeu. As etapas do conceito de cultura associadas à história dos povos e dos países proporcionam o conhecimento e o progresso quando esta procura adaptar-se à atualidade.

O primeiro sinal que encontramos quando nos deslocamos a um determinado lugar e que se pode apresentar como uma fronteira é a língua. Esta permite-nos identificar um povo, podendo conter em si diferentes dialetos ou variantes, mesmo em locais vizinhos. Por vezes, conseguimos denotar que “é raro que os limites das línguas naturais coincidam com as fronteiras políticas dos vários Estados onde são faladas” (Walter, 1996: 273). Trata-se de um “sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade linguística usam como principal meio de comunicação e de expressão, falado ou escrito” (Houaiss, 2003: 2283). Diferentes línguas ou formas de escrita perduram no Velho Continente desde os seus primórdios, estando na génese das formas de expressão que vieram desaguar no século XXI. Todas estas formas linguísticas compõem a família das línguas indo-europeias. Se quisermos distinguir linguisticamente as nações que integram a Europa, encontraremos três grupos distintos: as germânicas, as românicas e as eslavas. Se pensarmos nas origens remotas que estas mesmas têm somos levados, respetivamente, às Invasões Germânicas, ao Império Romano e à Expansão Celta. Apesar de não integrar estes conjuntos, sabemos que a civilização grega e, por conseguinte, o dialeto grego, teve um papel central na constituição da sociedade pelo que “foi o berço da civilização ocidental, [que] desempenhou um papel essencial na implantação e difusão do *alfabeto*, palavra que, de resto, testemunha bem a sua origem grega (*alfa-beta*) na estrutura etimológica que possui” (Walter, 1996: 31). As línguas célticas, não obstante, na sua representatividade no continente europeu não se encontram a par e passo com as românicas e as germânicas, concentrando-se, na sua maior parte, em territórios regidos pela coroa britânica como a Ilha de Man, a Escócia ou a Península da Cornualha, entre outros. Os romanos seguiram as bases deixadas pelos gregos e deram origem a uma das línguas base da comunicação, o latim, que “se tornou através dos séculos, sob a sua forma escrita e erudita, a língua por excelência da cultural ocidental” (Walter, 1996: 95).

Nada à partida, contudo, faria prever tão excelente destino para a língua deste pequeno povo constituído por aldeões agricultores cujos povoamentos humildes não passavam, em meados do séc. VIII a.C., de um modesto lugar de passagem no vale pantanoso do Tibre, situado no coração do Lácio (Walter, 1996: 95).

Apesar de ser considerada uma língua morta, o latim engloba diferentes metamorfoses que o levaram a estar na origem de grande parte das línguas europeias,

como é o caso do português, do italiano, do romeno ou do castelhano. O romeno é uma língua que, apesar das “inúmeras invasões eslavas dos séculos VI e VII [...] mantém uma base latina, apesar dos seus inúmeros traços eslavos” (Walter, 1996: 121). A língua latina foi fortemente influenciada em diversos aspetos, seja através de outras línguas, como é o caso da germânica, que iremos abordar mais adiante, ou de povos, podendo destacar os Bizantinos ou os Árabes, respetivamente “*metro* («medida» - do grego *metron*, «medida»)” (Walter, 1996: 127) e “*ribes* («groselha», embora a palavra designasse originariamente o ruibarbo)” (Walter, 1996: 128).

No que diz respeito às línguas germânicas é possível identificar períodos distintos na sua história. Percebemos que houve uma ligação intrínseca entre os povos germânicos e os outros povos que já abordamos a nível da sua língua. Essa troca permitiu que houvesse alguns elementos comuns com cada tipo linguístico, como por exemplo, a “palavra alemã *Tisch* («mesa») foi colhida do latim *DISCUS* («tabuleiro»), o que remete para o costume romano de servir aos convivas tabuleiros já guarnecidos que se retiravam no final das refeições” (Walter, 1996: 276). Também o grego se encontra refletido nesta conexão indiretamente, na medida em que, “o termo latino *MONACHUS* («monge»), por exemplo, proveniente do termo grego *monachos* (inicialmente «solitário», depois «monge») que esteve na origem do topónimo *München* («Munique»)” (Walter, 1996: 276). Mas esta influência funciona para ambos os intervenientes, sendo possível encontrar no latim algumas réstias ligadas ao germânico, “como é o caso de *RENO* («pele de rena»), *SAPO* («sabão»), *GANTA* («gansa») e *GLAESUM* («âmbar»)” (Walter, 1996: 276).

Nos nossos dias, o dinamarquês, o neerlandês, o alemão e o finlandês são algumas das línguas oficiais que provêm desta descendência. Podemos, assim, identificar no continente europeu determinadas localizações que estão associadas a um ramo linguístico. No extremo ocidental encontramos o ramo céltico, no norte europeu o ramo germânico, mais a sul o ramo itálico/românico e a sudeste o ramo helénico. É perceptível que, apesar das distâncias entre as nações, já desde os tempos antes de Cristo até aos nossos dias, existem elos no que diz respeito às línguas e às influências que cada um teve nas outras, independentemente do contexto em que estes ocorreram. A herança linguística permite que, apesar de conterem palavras distintas a nível escrito, que exista uma perceção auditiva de cada elemento, estejam ou não dentro da mesma família linguística. Se colocarmos este ponto em análise, refletindo em povos afastados, do ponto de vista geográfico, mas que fazem parte da mesma família a nível da língua, sendo eles Portugal,

Espanha e França face à Roménia, encontramos palavras semelhantes, respetivamente, jornalista – journalist, autobus – autobus e fenêtre – fereastră.

A língua é fundamental para a singularidade de uma população e é através da língua que podemos distinguir, logo à partida, uma participação dentro do nosso objeto de estudo, o FEC. Acresce também a escrita que está inteiramente ligada à nação e é através da escrita que os povos se mantêm na história de um lugar. As pinturas rupestres deram, em certa medida, início a este processo, passando de desenhos para um alfabeto desenhado com runas, para um alfabeto com grafemas semelhantes aos que encontramos nos dias de hoje, mas característicos dos povos primordiais. A escrita é o “acto ou efeito de escrever ou de redigir (...) por meio de signos gráficos” (Houaiss, 2003: 1569), permitindo aos povos ter na sua posse um documento que prova a sua presença num contexto histórico, seja esse ligado ao continente europeu, seja num âmbito mais global.

A religião, como já apontamos anteriormente, apresenta-se como um ponto relevante e que contribui para a identidade específica de uma nação ou, dependendo do seu espaço de influência, região. “Não há a certeza de que religio apresente o mesmo radical de religare, conforme se comenta no *Dicionário Houaiss*, em nota etimológica baseada no *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine*, de A. Ernout e A. Meillet: 1 «"o prefixo é re-, red- (cf. reliquiae, reliquiae)", dizem Ernout e Meillet, "mas o segundo elemento é obscuro. Os latinos ligam-no a *relegere* (...), etimologia defendida por Cícero (...). Outros autores [Lactânncio e Sérvio] associam *religĭo* a *religāre*: seria propriamente 'o fato de se ligar com relação aos deuses', simbolizado pela utilização das *uittae* [‘fitas para enfeitar as vítimas ou ornar os altares’] e dos *stémata* no culto. Alega-se em favor desse sentido a imagem de Lucrécio, 1, 931: *religionum nodis animum exsoluere*; (...). O sentido seria portanto: ‘obrigação assumida para com a divindade; vínculo ou escrúpulo religioso’ (cf. mihi religio est ‘tenho o escrúpulo de’); depois ‘culto prestado aos deuses, religião” (Rocha, 2012: s/p). A religião Católica prevalece em grande parte dos países europeus. Contudo, “(...) the English, German, Swiss, Hungarian, and Netherlandic groups are noteworthy for the coexistence of Roman Catholicism and Protestantism” (Britannica, s/d: s/p). Apesar disso, o Judaísmo e o Islamismo, num raio mais pequeno de ação, tiveram um papel de destaque no Velho Continente. Um dos casos mais famosos destas religiões pertence à Segunda Guerra Mundial que, em certa medida, opunha a raça aariana, isto é, os designados “alemães puros”, e os judeus, considerados por Hitler como “vermes parasitas que deveriam ser eliminados” (United States Holocaust Memorial

Museum, s/d: s/p). Porém, esta visão sobre este povo não estava ligada diretamente à religião, que seria considerada anti judaica, embora fosse antissemitismo. O que diferencia estes dois factos é o ódio desta religião face à sua ideologia e discriminação perante os indivíduos como se estes fossem menores que os seus opressores.

No entanto, para o elemento em estudo, o FEC, a religião não ocupa um dos lugares de destaque no que concerne à distinção ou preferência por uma *performer versus* outra. As diferentes religiões são maioritariamente vistas quando pensamos num determinado país ou na sua localização, uma vez que afirmámos que países do norte europeu encontram as duas formas de religião ligadas à religião romana ou cristã, enquanto no sul se destaca o catolicismo clássico, com Roma como centro. Não obstante, a tolerância religiosa em alguns pontos do continente torna-se cada vez mais importante, para que exista um crescente sentimento de pertença a um lugar. A iniciativa mais recente para levar este propósito mais além foi a do governo britânico que, “pela primeira vez, Londres [celebrou] o mês sagrado do Ramadão com iluminação pública” (Sic Notícias, 2023: s/p).

Da mesma forma que a língua nos permite identificar uma cultura ou um determinado povo no momento em que o observamos, o vestuário desempenha igualmente um papel semelhante, visto que, “compõem o traje” (Houaiss, 2003: 3696) que poderá estar associado a uma respetiva nação e à sua identidade. Desde sempre, as vestimentas tiveram um carácter de distinção entre os indivíduos, seja pela sua qualidade, quando pensamos nos reis e o seu povo, seja pelas suas tonalidades. A vestimenta dos europeus está composta por cores como o vermelho, que simboliza o “princípio da vida, com a sua força, o seu poder e o seu brilho, o vermelho, cor de fogo e de sangue [...] ambivalência de onde provem todo o poder de fascínio da cor vermelha, que traz em si intimamente ligadas as duas mais profundas pulsões humanas: acção e paixão, libertação e opressão” (Chevalier, 1994: 686/687), e o dourado, associado ao ouro que, segundo “dizem os brâmanes, é a imortalidade [...] [uma] identificação com a luz solar, o ouro sempre foi um dos símbolos de Jesus, Luz, Sol, Oriente” (Chevalier, 1994: 495/497).

Da mesma maneira que conseguimos encontrar semelhanças linguísticas devido à sua história no Velho Continente, existem elementos em comum nos trajes típicos, não só específicos de um país, mas também intraeuropeus. As afinidades podem encontrar-se a diferentes níveis, seja na coloração dos fatos, na sua estética, sendo um vestido ou um conjunto entre uma saia e uma camisa, ou umas calças e uma camisa, ou, inclusive, numa

parecença a nível dos acessórios que utilizam, podendo incluir objetos de outros em materiais como o ouro em algumas regiões mais ligadas ao leste europeu. Abaixo, apresentamos alguns exemplos de indumentárias europeias de diferentes pontos para melhor tentarmos ilustrar este tema.



Figura 3 – Trajes com tonalidades semelhantes dentro do território europeu, respetivamente, Grécia, Letónia, Portugal e República Checa.

Todavia, encontramos, de igual modo, pontos distintos que seguem a ideia de pensamento que demonstramos acima.





Figura 4 – Trajes com tonalidades distintas dentro do território europeu, respetivamente, Irlanda, Montenegro, Países Baixos e Suécia.

As semelhanças ou as diferenças que conseguimos encontrar nos trajes típicos não se apresentam como algo negativo. Proporcionam, por sua vez, uma diferenciação positiva, na maioria dos casos. Sendo o continente europeu diversificado nas suas gentes e culturas, é normal encontrarmos pessoas com indumentárias características de uma nação ou de uma determinada religião. Cada vez mais, graças às migrações populacionais, a Europa encontra-se embebida nessa mesma realidade o que, por vezes, se pode apresentar como um problema no que tange a discriminação devido a eventos anteriores que ocorram inclusive em solo europeu.

Algo que também podemos encontrar como base de uma determinada cultura está relacionado com as tradições que estas contêm. Há que salientar que algumas tradições podem estar diretamente associadas ao passado histórico ou a uma religião. Podemos encontrar uma “comunicação oral de factos, lendas, ritos, usos, costumes etc. de geração para geração” (Houaiss, 2003: 3555) que, através do seu carácter repetitivo ao longo dos anos, se torna num costume, passando a ser característico e identificativo de uma população. O elemento abordado anteriormente, o vestuário, funciona como elemento-chave para ligarmos certas tradições a um local e a um povo. Fora as tradições típicas, ligadas ao culto religioso, se se tratar de um país em que a religião arrecada um papel importante, as celebrações ou festas populares que se relacionam com um elemento identificativo de um Estado ganham proporções desmedidas, levando à própria recriação das mesmas em outros pontos do globo. Um facto que poderá encontrar a sua justificação desde a segunda metade do século XIX, por termos encontrado diversos *booms* migratórios de fora da Europa para dentro e vice-versa. Um dos casos mais evidentes é o Dia de São Patrício ou *St. Patrick's Day*, com raízes irlandesas e base religiosa. Apesar

de se tratar de uma festividade que serve sobretudo para festejar a comunidade e a cultura irlandesa marca também a chegada da religião Cristã com esta entidade, São Patrício. Com a colonização da América, por parte dos britânicos, houve uma migração de tradições que foram deixadas aos colonizados. Sendo assim,

The earliest recorded parade was held in 1601 in what is now St. Augustine, Florida. The parade, and a St. Patrick's Day celebration a year earlier, were organized by the Spanish Colony's Irish vicar Ricardo Artur (History.com Editors, 2017: s/p).

O *boom* da migração de Irlandeses no século XIX para os Estados Unidos da América esteve envolto em discriminação, o que passou a conferir a estas manifestações culturais ligadas a São Patrício um momento de exaltação da cultura e das tradições que lhes haviam sido inculcadas enquanto ainda residiam na Irlanda.

As tradições estão na base da manutenção da identidade cultural e assim da comunidade e são essas que têm o poder de unificação quando existe uma deslocação. Por exemplo, uma comunidade portuguesa, que resida no estrangeiro, mas que mantenha grande parte dos costumes que lhes foram inculcados quando ainda residiam em Portugal ou pelos pais, que são portugueses, irá permitir ao indivíduo um sentimento de pertença mais facilitado por rever os seus hábitos nesta nova coletividade em que se encontra integrado. Mais adiante, iremos analisar outros fenómenos semelhantes a este mesmo exemplo.

Como pudemos observar anteriormente, podemos nos deparar com elementos culturais que se apresentam semelhantes ou com a mesma fundação em partes distintas do Velho Continente. São estas semelhanças que contribuem para efeito de unidade entre as populações, fomentando um clima de paz, estabilidade e de complementaridade entre os vizinhos, sejam efetivos ou vizinhos por outra distinção. Mas não só as semelhanças têm o poder de aproximar ou distanciar um povo, já que as diferenças arrecadam um papel vital quando refletimos sobre isso. Muitas vezes, é através das diferenças ou da percepção da visão do outro que conseguimos, de certo modo, aproximarmo-nos dos demais. As instituições que abordámos no ponto anterior, tais como a UE, ONU, OTAN, entre outras, contêm países com história, fundações e princípios distintos, mas juntam-se com um único propósito que está relacionado com o bem comum. Em situações de crise, é através da observação das diretrizes emanadas por diferentes chefes de Estado e detentores do

poder que encontramos pontos para melhorar algum acontecimento. Se recordarmos o início da pandemia COVID-19, as tomadas de decisão relativamente à saúde pública ditaram o modo como esta doença viria a impactar essa localidade. Um dos casos que pode servir como exemplo é o da Itália que, com consequente fecho dos estabelecimentos, levou a que muitos considerassem que não seria preocupante, o que promoveu o exponencial desenvolvimento de casos de infeção. Países como Portugal e países do norte europeu, como a Finlândia, a Noruega e a Suécia, destacaram-se por uma ação rápida que fez com que a propagação do vírus fosse mais tardia e atenuada. As diferentes mentalidades de uma determinada cultura podem promover certos comportamentos que, no ponto de vista de outros, podem à partida não se enquadrar como correto.

Desde 2001 que, na sua generalidade, as migrações e os povos distintos dos que residem num determinado local estão no centro das discussões quando nos lembramos de situações que foram catastróficas e com perdas de vidas humanas devido a atentados. A título de exemplo, podemos referir o 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos da América. A visão que muitos detinham de elementos de outras religiões ou nações apresentava-se como um entrave para a sociedade. Apesar de distante, também no continente europeu, este sentimento de instabilidade e de receio da possibilidade de ocorrer algo semelhante no futuro se atravessou na mente dos europeus, causando assim, diversos distúrbios e casos de xenofobia perante os outros. A 13 de novembro de 2015, catorze anos após a queda das Torres Gémeas, Paris foi tomada por atentados terroristas ao longo de toda a cidade, sendo no teatro parisiense, o Bataclan, o local que registou o maior número de perda de vidas humanas. Este foi considerado um dos maiores atentados, na última década, em França, embora, desde 2015, se tenha tornado mais recorrente encontrarmos situações neste mesmo contexto e nesse mesmo país. Muitos consideram que este caso está ligado à aceitação de pessoas não francesas que passaram a residir nesse país. Inclusive, em Paris, conseguimos encontrar numa determinada zona, ruas inteiras ocupadas por pessoas que chegaram a França como migrantes. Independentemente disso, um pouco por todo o território europeu, é possível observar ataques que poderiam colocar em causa a segurança e a estabilidade que se havia consolidado após a Segunda Guerra Mundial. Países como Bélgica, Alemanha, Espanha e Finlândia também viram no solo nacional ocorrer situações semelhantes. A UE afirma que é necessário “intensificar esforços para criar uma política europeia de migração que seja eficaz, humanitária e segura” (Conselho Europeu, s/d: s/p). Contudo, na ótica de alguns países, que não se

sentem confortáveis a aceitar migrantes, o conflito interior pode surgir e levar a haver a necessidade de outro país, onde as quotas de aceitação já tinham sido ultrapassadas, vir a aceitar mais migrantes. Estes fogem com o pouco que têm, seja da guerra da Síria ou do Afeganistão ou de outras zonas de conflito, e arriscam-se a atravessar o mar Mediterrâneo para poder dar às suas famílias um local mais seguro para a vida. Esta crise tomou proporções globais, tornando-se num dos temas mais debatidos na última década. “Mais de 1.200 pessoas morreram, em 2022, a cruzar o Mediterrâneo numa tentativa de chegar à Europa” (*Público*, 2023: s/p), sendo o caso de uma menina síria, de quatro anos, que esteve à deriva vários dias e que acabou perdendo a vida. Muitos pais enviam os filhos, na esperança de um dia poderem reencontrar-se com os mesmos.

Porém, quando existe uma imigração noutros moldes, podem surgir outras questões. Se refletimos sobre a condição da Mulher no Médio Oriente, na medida em que na sua cultura existe uma subjugação desta perante o homem, semelhante à definição de cidadão que encontrávamos na Roma Antiga, o pensamento europeu distancia-se dessa forma, não se revendo na inferiorização da mulher. Também a sua religião se apresenta relevante para a visão que o homem tem sobre o sexo feminino visto muitas das práticas se encontrarem descritas no Alcorão.

As fronteiras culturais podem, por vezes, representar uma dificuldade, mas, por outras perspetivas, também uma aproximação pelas diferenças. Em certas situações, como foi o despoletar da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, percebemos que os elementos culturais, sobretudo destes dois países que são muito semelhantes na sua história, vieram a estar, em pleno século XXI, em pontos opostos. Apesar disso, devemos observar estas fronteiras culturais como um propulsor para a multiculturalidade europeia e para o crescimento interpessoal diverso e cooperativo entre os diferentes integrantes.

A Europa [...] será um laboratório com condições ideais para esse modelo, para a *allgemeine Vereinigung der Menschheit* [unificação universal da Humanidade] de Kant. A Europa, com algumas limitações, terá essa capacidade de não só viver como prosperar, com a diversidade cultural (Himmel, 2017: 26).

A presença da multiculturalidade que procuramos abordar ao longo desta investigação, por residir no seio da cultura europeia enquanto unidade, leva-nos a repensar em todos os seus movimentos de exôdo e de que forma a comunicação evoluiu

ao longo dos diferentes séculos. A diversidade cultural no interior do continente europeu está em contante mudança, não se podendo caracterizar como “uma realidade fixa e homogénea, clara e univocamente configurável por alguns traços essenciais susceptíveis de serem universalizados a todos os posicionamentos que enfrentam e que o tematizam” (André, 2012: 26). Em certa medida, esta multiculturalidade e o facto de nos ser possível observar aspetos distintos entre os indivíduos num raio mais pequeno pode permitir um elogio, isto é, uma exaltação das diferenças, no sentido de aproximar os mesmos pelos aspetos distintos que cada um encontra em si. Como se pode ler no Artigo 1 da Declaração Universal da Diversidade Cultural:

Cultural diversity: the common heritage of humanity

Culture takes diverse forms across time and space. This diversity is embodied in the uniqueness and plurality of the identities of the groups and societies making up humankind. As a source of exchange, innovation and creativity, cultural diversity is as necessary for humankind as biodiversity is for nature. In this sense, it is the common heritage of humanity and should be recognized and affirmed for the benefit of present and future generations (Stenou, 2002: 4).

Contudo, é possível observar diferentes fenómenos que, através da globalização de um determinado elemento, tendem a standardizar diversos aspetos que englobam a vida de um indivíduo. A título de exemplo podemos referir os estrangeirismos. É prática comum o indivíduo passar a adaptar o seu vocabulário em função de alguns vocábulos que não pertencem à sua língua, mas que são reconhecidos em múltiplos níveis, deixando de os traduzir para a língua em que o mesmo passa a ser utilizado. A comunicação adapta-se aos seus falantes, facilitando o diálogo cultural entre os mesmos pelo reconhecimento das expressões mais identificativas. Como afirma Isabel Ferin:

Comunicação como a Cultura [integram] sistemas (conjuntos de elementos, objectos ou entidades que se inter-relacionam mutuamente para formar um todo único) altamente complexos e interdependentes, levando a que qualquer alteração num dos sectores gere alterações, mudanças, rupturas ou adaptações em todos os outros (Ferin, 2009: 48).

Como tivemos oportunidade de abordar anteriormente, o europeu reconhece, pelos seus exemplos históricos, de que forma os diferentes passados culturais podem contribuir para uma não manutenção da paz quando o enfoque reside nas diferenças dos

mesmos. Apesar disto, e pelos fenómenos de conquista além-fronteiras e territórios europeus, como no continente americano, africano ou asiático, é necessário encontrarmos a visão por pontos semelhantes para que se forme um diálogo para a compreensão e não uma tomada de posição perante os diferentes povos. É certo que, se pretendermos educar e perpetuar os nossos ideais e costumes numa civilização que não os conhece, o diálogo deve assemelhar-se nos seus pontos históricos, mas, de modo a não errar com os mesmos, assemelhar alguns aspetos que estes pudessem ter concentrados nas suas culturas regionais. Este fenómeno pode ser repercutido, por exemplo, através do plano gastronómico. Existem regiões que foram conquistadas pelos europeus, onde a sua história, cultura e sociedade foram estudadas, mas, ao retornarem ao seu local de origem, levam frutos desta conquista que contribuem para que estes indivíduos se sintam aceites por aqueles que os conquistaram.

Song in the history of the European nation is
neither simply an object nor a subject given
meaning through collective performance. Song mobilizes
nationalism in exceptionally complex forms,
enacting the performance of the nation in the
ordinary and the extraordinary moments of history.

Philip Vilas Bohlman²

2. Festival Eurovisão da Canção

O Festival Eurovisão da Canção (FEC) surgiu num contexto de pós-guerra, embrenhado nas mudanças e ideias que o povo europeu pretendia colocar em prática com vista a um sentimento de união em contexto intracontinental. Neste sentido, foi influenciado pelas políticas unionistas e pró-europeias dos anos 50, do século XX. Importa salientar que a história europeia e a história do FEC caminham lado a lado por diferentes razões. Possibilitaram-nos um olhar distinto sobre de que forma uma produção radiotelevisiva poderia contribuir para a convivência e cordialidade intraeuropeia. Apresenta-se, assim, como uma outra forma para a manutenção da paz, numa determinada medida, visto que a “[...] cultura é – ou era, quando existia – um denominador comum, algo que mantinha viva a comunicação entre pessoas muito diversas [...]” (Losa, 2012: 66). A comunicação entre os diferentes povos permite o diálogo, abrindo-se à compreensão. Apesar disso, a manutenção da paz que surgiu com o fim da Segunda Guerra Mundial opõe-se às situações críticas que começaram a despoletar no fim do século XX e início do século XXI:

² A epígrafe é retirada da obra de Philip Vilas Bohlman, *The politics of power, pleasure and prayer in the Eurovision Song Contest*, de 2007, na página 52.

Even at the historical moments when it would be obvious to draw attention to cultural diversity and political transformation, not least during the transition of socialist states in Eastern Europe after 1989, it is more striking how few, rather than how many, national entries have responded to the pressing issues of the day [...] (Bohlman, 2007: 47).

Podemos designar por festival um evento que seja “relativo a ou próprio de festa [...] em que há alegria, prazer; aprazível, afável, jucundo” (Houaiss, 2003: 1728). Neste sentido, podemos refletir sobre o FEC enquanto um exemplo de festa que pretende elucidar distintas pessoas no que toca a diferentes culturas, dos diferentes países europeus, e não só. Este surgiu após uma época conturbada, a Segunda Guerra Mundial, vivida por grande parte dos países europeus. Mesmo após a sua fundação, a Guerra Fria, anos mais tarde, contribuiu para um clima de instabilidade. Num período em que todo o continente se encontrava disperso, este concurso possibilitou unir os diferentes povos com um único propósito: apresentar a sua cultura e as suas gentes, para que assim pudessem encontrar nas suas diferenças alguns pontos em comum, levando à cooperação entre as distintas nações europeias. Foi com este objetivo que surgiu a European Broadcasting Union (EBU) em 1950. Este serviço público de Rádio Transmissão Europeia permitiu uma maior proximidade aos diferentes estados europeus. Na sua fundação, é possível encontrarmos alguns dos primeiros integrantes do FEC como, por exemplo, a Bélgica, a Itália ou a Suíça. Contudo, antes de EBU, tínhamos o seu antecessor, a International Broadcasting Union (IBU). Esta consequente transformação deu-se devido à Segunda Guerra Mundial. A anterior administração encontrava-se insatisfeita com todo o contexto que experienciavam que, apesar do crescente número de rádios ao longo do continente europeu, não foi suficiente para ultrapassar este entrave.

Existiu anteriormente uma organização com um objetivo semelhante a ambas, a International Radio and Television Network (Eastern Europe) (ORIT). Nascida na Europa de Leste, criada na mesma altura que a IBU, continha muitos dos países que transitaram, após o seu fecho, para a EBU. Nesse sentido, com a transformação da IBU em EBU, assistimos ao (re)nascer de um Media sem barreiras transfronteiriças, que veio permitir um maior alcance. No leque de diferentes programas que viriam a apresentar, encontramos o evento que constitui objeto da nossa dissertação: o FEC. Este nome, lançado pelo jornalista, George Campey, tornou-se na imagem de marca do que temos

em voga nesta iniciativa musical. Se analisarmos os componentes da sua designação, “Eurovisão”, encontramos dois termos, “euro” e “visão”. Como uma possível interpretação, esta designação inclui o objetivo de ver ou observar algo de fonte europeia. Esta foi a *core* finalidade da competição, colocando nas radiotransmissoras nacionais, de países distintos, um pouco de cada cultura ou nação. Caso esta denominação não surgisse, o que atualmente é conhecido como FEC, seria Festival de Canções de Trocas Televisivas Continentais, do inglês, *Continental Television Exchange Song Contest*:

Eurovision was a technical system of media content interconnections initially across Europe, but later progressively linking to the world. It allowed content to be exchanged, seen and heard, as it happened or recorded for later use. The Eurovision giant spider’s web of connections has grown with demand – reaching out to many others, not just EBU Members. In fact, the Eurovision technical network now operates as a subsidiary of the EBU – Eurovision Services – to serve companies throughout the media and event industry (EBU, s/d: s/p).

As opiniões sobre o FEC podem, assim, mudar consoante o indivíduo e a comunidade em que este se insere. A visão de povos exteriores ao continente europeu pode fazer com que esta manifestação cultural não tenha tanta relevância quanto em território europeu:

The Eurovision Song Contest (esc) is not just a pop song competition: often, it is a musical manifestation of political and social issues of great significance. [...] Although it is often derided in popular discourse — or as in the United States, completely ignored — Eurovision holds a special place in the history of musical nationalism (Scott, 2011: s/p).

Mas são essas mesmas diferentes opiniões que elencam a relevância deste festival enquanto promotor da diversidade cultural. A diversidade de pontos de vista fomenta a opinião pública, permitindo o debate sobre esta manifestação cultural com as proporções mundiais que detém o FEC. Estando este festival no centro das conversas enquanto movimento que promove cada nação enquanto individual, ou através das semelhanças que esta consegue encontrar entre as demais, poderemos aumentar o raio de influência que encontramos neste concurso, levando-o mais longe e a públicos que poderia não cativar, especialmente através das novas tecnologias, já que estas estão presentes cada vez mais no dia a dia de cada indivíduo. Como a opinião pública nos parece fundamental

para melhor entendermos o alcance do FEC, utilizaremos um inquérito que seguirá essa linha de pensamento. Sendo assim, analisaremos os resultados advindos desse mesmo inquérito mais adiante, aliado a outros tópicos fulcrais para a compreensão do impacto da Eurovisão.

2.1. Das origens à atualidade

A ideia em torno do “universo” eurovisivo relaciona-se com o alcance da cultura e com a valorização que é dada a cada elemento cultural. Todos os povos são diferentes entre si, sendo os indivíduos que os compõem ainda mais distintos, mas é precisamente aí que reside a nossa questão principal de investigação: de que forma a cultura pode unificar, através das suas diferenças, um determinado continente?

The social articulation of difference, from the minority perspective, is a complex, on-going negotiation that seeks to authorize cultural hybridities that emerge in moments of historical transformation (Bhabha, 1994: 2).

Quando refletimos sobre a origem desta competição, podemos ser levados a um país e a um festival específicos. As raízes do FEC relacionam-se com o Festival de Sanremo, em Itália, visto este ter servido de inspiração para o formato que temos atualmente. O Festival de Sanremo, que ocorre na comuna de Sanremo, Itália, começou em 1951, num país que ainda vivia com poucos recursos tecnológicos, como a televisão, mas que, ao longo dos anos, passou a ganhar mais interesse aos olhos dos italianos e da população em geral. Tal como o contexto em que surgiu a Eurovisão, em 1956, o Festival de Sanremo emergiu num ambiente de instabilidade, apesar de ter decorrido passado cinco anos após o final da Segunda Guerra Mundial. Uma guerra que levou a que os mais diversos países tivessem sentido repercussões aos mais diferentes níveis, sejam eles económicos, sociais, ambientais e, inclusivamente, culturais. De modo a tentar reverter essa situação, a administração da comuna de Sanremo colocou em prática medidas para dar uma nova vida após o processo turbulento e traumático dos últimos anos. O responsável por esse percurso foi Amilcare Rambaldi, um comerciante de flores, que apresentou uma sugestão para dinamizar a povoação: um concurso musical. No início, a administração não estava de acordo com esta ideia, pelo que, só entrou em prática em 1951, depois de ter conhecido Angelo Nizza e Mario Sogliano, em 1947, que apoiaram esta iniciativa. O então gerente da RAI (Radio Audizioni Italiane), Giulio Razzi, permitiu o desenvolvimento de todo o processo do que era e é, hoje em dia, o Festival de Sanremo. A rádio foi o *Media* de excelência para a difusão do festival. Nos dias de hoje, esta competição ganhou mais um objetivo: além de elevar a música italiana deu a ver o modo de eleição para o representante italiano no FEC.

A primeira edição da Eurovisão deu-se, como apresentado antes, em 1956, em Lugano, na Suíça. Este primeiro concurso contou com a participação de sete países, considerados países fundadores: Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo, Países Baixos e Suíça. Além da sua participação ativa, contamos com três participantes passivos, isto é, que somente fizeram a transmissão de toda a competição. Foram eles Áustria, Dinamarca e Reino Unido. Por ser também a primeira vez em que ocorria, o formato nos anos seguintes, foi-se alterando. O formato inicial continha a apresentação de duas canções por parte de cada país, devendo ser na língua nacional ou numa das línguas nacionais desse mesmo povo. No final, a Suíça saiu vitoriosa com a atuação de Lys Assia, com a canção *Refrain*, cantada em francês. A apresentação de duas canções permitia a cada país uma duplicação das suas hipóteses, relativamente a uma vitória, visto que o formato inicial continha uma programação de uma hora e quarenta minutos. Como o Festival de Sanremo, foi através da rádio que foi feita a primeira difusão desta competição.

Para analisarmos as fases de desenvolvimento ou aprimoração do FEC devemos refletir sobre as regras que vigoram ou que, por sua vez, já vigoraram, no concurso. Estas regras são, normalmente, aceites por três partes: os organizadores do festival do ano em questão, a EBU e o Comité Executivo (Reference Group) encarregado pela competição. O formato do concurso, sistema de votação, a apresentação dos resultados das votações às audiências, os valores do concurso e qual o processo de divulgação e transmissão através dos Media (televisão, rádio ou plataformas digitais) são algumas das questões que são definidas anualmente por estas partes. Contudo, alguns pontos continuam iguais, tais como a duração e a originalidade das canções. Uma regra que foi instaurada em dois períodos diferentes entre 1966 a 1972 e entre 1978 a 1998, foi a obrigatoriedade de atuar na respetiva língua nacional. Esta regra sofreu, ao longo dos anos, diversas alterações que vieram assinalar uma prevalência do idioma anglo-saxónico, uma vez que foi permitido a inserção de até 25% de outro idioma, tendo essa percentagem aumentado para 40% em anos mais recentes. Ao atuarem com uma canção na língua-mãe, cada país tem a possibilidade de particularizar a sua apresentação. Contudo, devemos ter em conta que alguns membros da Eurovisão têm, no seu país, mais do que uma língua oficial. Esta regra, dependendo do ponto de vista individual de cada pessoa, pode revelar-se como algo proveitoso pelo facto de cantarem na língua mãe, mas também como algo que lhes poderá retirar alguma atratividade e compreensão pelos outros povos concorrentes. Nos períodos

anteriormente apontados, percebemos que a diversidade linguística tende a contribuir para arrecadar bons resultados. O fenómeno de 1969, em que obtivemos quatro primeiros classificados, com apresentações em quatro línguas diferentes, demonstra esse carácter da diversidade linguística e cultural que rege o fenómeno eurovisivo.

Com o fim da obrigatoriedade dessa regra, começamos a observar o fenómeno contrário. Em 1999, nota-se um crescimento exponencial do número de atuações que se apresentavam em língua inglesa, um fenómeno que pode ser caracterizado como uma monopolização, em certo ponto, das participações. Em 1998, passamos de três atuações em língua inglesa, para doze. Muitas podem ser as razões, uma vez que esta é cada vez mais falada no mundo. O que significa que uma atuação nesse idioma poderia permitir um maior alcance ao nível das apresentações que cada país tem. Há que salientar que, em ambos os anos, o número de participantes total era de 25 e 23, respetivamente.

Apesar de, nos dias de hoje, o número de participações rondar os mesmos números, houve uma crescente participação de países nos primeiros vinte anos da competição havendo, como consequência, uma necessidade de aprimorar todo processo de seleção e decisão no que toca ao vencedor do FEC. Consideraremos fases de desenvolvimento, quando uma alteração considerável modifica o formato do concurso. Como já tivemos oportunidade de referir, o formato de estreia englobava a participação de cada nação com duas canções, situação que ocorreu, única e exclusivamente, em 1956. A partir de 1957, foi-nos apresentado parte do formato que reconhecemos como atual. Contudo, as semifinais só foram instauradas anos mais tarde. Estas funcionam como uma pré-seleção de cada participação, isto é, uma fase de qualificação visto que o concurso tinha, cada vez mais, países a participar. O primeiro ano em que encontramos evidência desta ramificação é em 1996, passando a integrar o formato final a partir de 2004. Com a criação das semifinais, o fenómeno eurovisivo passou a ocupar a atenção do público durante uma semana completa, sendo, normalmente, a 1ª semifinal na terça-feira, a 2ª semifinal na quinta-feira e a final no sábado. Mas, nem todos os países integrantes passam pelas semifinais.

Em 2008, de forma a recompensar certos países pelos contributos financeiros dados, não só ao FEC, mas também à EBU, foi criado o grupo dos *Big 4* que englobava a Alemanha, Espanha, França e o Reino Unido. Com a reentrada da Itália, em 2011, passamos a deter os *Big 5*, que, ainda hoje, integram o formato europeu. O efeito que esta formação detém é garantir um lugar, na final da Eurovisão, a cada um destes participantes.

Um membro que podemos considerar móvel é o vencedor de cada edição. Graças à sua vitória, é-lhe oferecido um lugar na final do concurso do ano seguinte, ao lado dos membros do *Big 5*. Caso ocorra um caso semelhante ao do ano de 2022, em que o vencedor anterior era um dos membros dos *Big 5*, ficam somente estes cinco apurados para a final, sem necessidade de pré-qualificação em uma das semifinais.

Também o sistema de votação foi-se alterando durante cada ano, e em cada década. Ao longo dos mais de 60 anos de competição, conseguimos encontrar cerca de oito formas de votação. Na primeira edição, dois júris de cada país integrante dariam dois pontos à sua canção favorita. Com a adição de novos participantes, entre 1957 e 1961, passamos a deter dez jurados a pontuar entre 1 e 10 as suas canções favoritas. Até 1975, poucos foram os elementos que sofreram diferença a este nível, sendo 10 o máximo de pontos possíveis. De 1975 a 1996, cada país participante teria um membro jurado que atribuiria pontos às dez melhores canções. A primeira vez que o televoto foi instaurado foi entre 1997 a 2003, através do qual os países poderiam escolher ter membros do júri ou televoto para decidir como pontuar as melhores participações. Entre 2004 e 2008, todos os países utilizaram o televoto como modo de votação. De 2009 a 2015, conhecemos o início do modelo de votação que é utilizado nos dias de hoje, havendo uma combinação 50/50, tanto do júri, como do televoto. A partir de 2016, é possível reconhecer o modelo atual, composto pelos elementos anteriores, mas com dois *sets* de votação, sendo os votos dos jurados anunciados antes do televoto. Podemos realçar que os votos do júri são dados por um representante de cada nação, após a deliberação de cada grupo de votantes, escolhidos pelo próprio país, ligados de algum modo à cultura. Caso existam irregularidades ou falhas na comunicação, é o painel principal do FEC que preside à final da competição. Em caso de empate a nível de pontos, deverão ser averiguados quais os países que pontuaram os respetivos países empatados. Se mesmo assim, ainda persistir um empate, o segundo desempate deverá relacionar-se com os países que pontuaram 12 pontos aos países empatados, sendo em contagem decrescente até o desempate final.

Apesar de pouco comum, é possível um país não pontuar. Na história da Eurovisão, esta situação ocorreu em 1962, quando quatro países não receberam qualquer voto. Podemos apontar também 1967, 1970, 1998, 2003, 2015 e 2021, entre outros anos. Consoante as diferentes amizades ou inimizades entre os diferentes países, as pontuações dos jurados podem seguir uma linha de pensamento, isto é, de pontuar não só porque a

música se apresenta como interessante, mas, de igual modo, porque existe um elo de empatia e de entretenimento entre esses países. Esta situação também pode ocorrer quando pensamos em tradições ou elementos culturais que liguem diferentes povos, como a língua, as melodias, entre outros aspetos. Estes acontecimentos podem levar a uma especulação a nível da pontuação que cada país atribui. Na edição mais recente do FEC, em 2023, o sistema de votação sofreu algumas alterações, tendo Martin Österdahl, Supervisor Executivo do FEC, anunciado que:

In 2023 only Eurovision Song Contest viewers will decide which countries make it to the Grand Final and, reflecting the global impact of the event, everyone watching the show, wherever they live in the world, can cast their votes for their favourite songs (Eurovision, 22 novembro de 2022: s/p).

Não só mas também os escolhidos em ambas as semifinais resultaram da votação dos telespectadores, algo que já não fazia parte da realidade eurovisiva devido à combinação entre a votação pública e a do júri. Contudo, a grande inovação apresentada relaciona-se com a votação *online* que veio permitir um alcance ainda maior da votação, podendo diversificar a escolha e, inclusive, apresentar-se distinta das propeções inicialmente apresentadas. Os emigrantes encontram, assim, um meio que lhes possibilita apoiar a sua terra natal e os demais concorrentes. Somente na final contamos com os votos do júri, que serão dados na noite anterior à realização da final.

Desde o seu início, a Eurovisão funcionou como um canal de partilhas no que concerne à cultura. Um elemento que se mostra relevante, quando se apresenta um determinado país, são os conhecidos *postcards*, ou postais, que permitem ao telespectador um maior conhecimento sobre o artista e o país que este irá representar. Nesse sentido, são apresentadas imagens de lugares emblemáticos do país em que decorre o concurso nesse ano assim como do local de origem do intérprete. Em 2023, coube ao Reino Unido apresentar o FEC e, devido às repercussões da Guerra na Ucrânia, encontramos três representações distintas.³ É de salientar que, nestes mesmos *postcards*, encontramos sítios emblemáticos de cada país em que se centra o FEC. Sendo assim, a primeira representação está ligada ao país vencedor da edição anterior, a Ucrânia, mostrando locais

³ <https://www.youtube.com/watch?v=mpAhfmrBxXc> - Composição dos *postcards* da edição de 2023 do FEC.

como o Arboretum Sofiyivka em Uman, Lviv Town Hall em Leviv ou St. Sophia's Cathedral em Kiev. A segunda representação leva-nos a locais do país que se encontra a realizar o FEC nesse mesmo ano, onde foi possível visualizar locais como Stonehenge em Salisbury, a Ely Cathedral em Cambridgeshire ou Liverpool Central Library em Liverpool. A terceira representação centra-se no país em questão. Nesta última edição foram mais de 100 os locais utilizados para a criação deste elemento identificativo do festival. De um certo ponto de vista, era dado um palco a cada povo que, em condições justas e igualitárias, podiam mostrar o que de melhor e icónico os representa. Como salientado pela EBU, no seu portal da internet⁴, onde explica todo o desenvolvimento do Festival, o contínuo crescimento proporcionado à Eurovisão permitiu que não só a Europa, mas também o mundo, pudessem estar ligados a esta rede de contactos culturais que nos são apresentados através da “televisão nacional”. Este mesmo fenómeno pode permitir que olhemos, inclusive, para o FEC como se de um *franchise* se tratasse. O termo *franchise*, originário do francês, mas conhecido pelo seu valor enquanto estrangeirismo à língua inglesa, pode definir-se como “caractère de ce qui est franc [...] droit que limitait l'autorité souveraine au profit d'une ville, d'un corps, d'un individu” (Robert, 1983: 466)⁵. Por se ligar ao termo franquía, este ganha aspetos financeiros e legais. Ao longo dos mais de 60 anos em que esta competição vigora, conseguimos enumerar diferentes manifestações de interesse, por distintas partes do globo, em ter o “seu” Festival Eurovisão da Canção. Este interesse pode ter fundamentos diferenciados entre si, contudo, todos partem do mesmo ponto de base, isto é, celebrar a identidade cultural de uma nação. A Eurovisão é uma marca característica do continente europeu, sendo o seu começo um marco histórico, devido às situações apontadas anteriormente. Pela sua dimensão transcontinental, o formato em que poderíamos encontrar uma inspiração ou, por exemplo, um *franchise*, iria necessitar de ajustes. Em 2022, deu-se o início desta ideia:

The Eurovision Song Contest is the biggest live music event in the world, and it is a great honour to bring it to the United States and transform our dream of *American Song Contest* into a reality on NBC. It's awe-inspiring to stand at the beginning of an American legacy and it doesn't get more exciting than that (Eurovision, s/d: s/p).

⁴ <https://www.ebu.ch/about/history> - Link para o portal da internet da EBU.

⁵ “(...) o carácter do que é livre (...) um direito limitado pela autoridade soberana a favor de uma cidade, de um organismo ou de um indivíduo.” (Tradução nossa)

O *American Song Contest*, como observamos pelo nome, é feito nos Estados Unidos da América. Pretende captar o foco da Eurovisão e adaptá-lo à sua realidade, isto é, a cada um dos estados que os integram. Não só o seu alcance foi adaptado, como também o seu formato. Enquanto no formato europeu contamos com três grandes dias, ambas as semifinais e a final, o formato americano apresentava uma série de episódios, como se de um programa dito comum se tratasse. A parceria entre os produtores “da casa” europeia e ambos o *Propagate* e a *Universal Television Alternative Studio* mostrou-se fulcral para o bom resultado que teve o Festival Americano da Canção. Muitos foram os países que transmitiram este concurso, um gesto que promove a igualdade de oportunidades, no que concerne as demonstrações televisivas culturais, como por exemplo, Portugal, Austrália e Alemanha. Contudo, com base em informações mais recentes, na edição do FEC em 2023, Martin Österdahl confirmou que “The American Song Contest was cancelled after its first season on NBC due to disappointing ratings and lack of impact on the music charts” (Eurovisionfun, 2023: s/p), estando os mesmos à procura de novos parceiros para a realização de um evento inspirado no fenómeno eurovisivo. A expansão do formato eurovisivo às regiões ou países que não o compõem permite elevar o potencial do concurso enquanto manifestação cultural. Em resultado disso, e após a edição de 2022 do FEC, dois novos formatos foram anunciados igualmente. Em 2023, irá ocorrer pela primeira vez o *Eurovision Song Contest Canada* que promete encontrar o melhor representante de entre 10 províncias canadianas. Este novo formato poderá vir a seguir o modelo americano, visto que se restringe a um único país. Também o *Eurovision Song Contest Latin America* integrará a família da Eurovisão. Possivelmente, um formato mais semelhante ao europeu que pretende,

Eurovision Song Contest Latin America marks the latest development in the global expansion of the Eurovision Song Contest as it simultaneously elevates the legacy of the brand while maintaining local cultural representation (Eurovision, 2022: s/p).

Isto é, depreende-se que a Eurovisão funciona como um palco cultural, importante para os diferentes países que integram este concurso, pelo que, podem estar mais próximos de um público, presencial ou digitalmente, que pode vir a interessar-se pelas suas tradições ou modos culturais.

Se quisermos seguir esta ideia de *franchise*, podemos também pensar num evento que, apesar de constituído por países europeus, não parece conter, em certas nações, até à data tanta relevância, sendo ele o Festival Eurovisão da Canção Júnior (FECJ). Com início em 2003, o *Junior Eurovision Song Contest*, em Copenhaga, na Dinamarca, permitiu que as crianças pudessem fazer parte de um evento semelhante ao da Eurovisão. Além de fomentar o gosto pela música e pela cultura, são os vencedores, muitas vezes, convidados a participar no “Grande Prémio”, ou seja, no FEC, quando tiverem mais idade. Podemos salientar o nome de Irina Khechanovi, representante da Geórgia na edição número 67 do FEC, que já havia participado no FECJ. Procuraremos ainda elencar quais os pontos em comum entre a versão original e a versão para jovens.

O FECJ, ao seguir os ideais e propósitos do FEC, coloca ao serviço dos mais jovens uma plataforma de diversão e representação de cada nação. Apesar de com menos edições do que o original, ao longo dos anos tem vindo a obter mais destaque. É claro que, apesar de ser uma extensão do FEC, nem todos os aspetos são semelhantes entre si. Ao contrário da regra da língua, que passou por diversas fases no FEC, no FECJ, os participantes são obrigados a apresentar uma música que seja escrita e cantada na sua língua-mãe, podendo contar com a ajuda de adultos, desde 2008, na composição musical. A própria data de realização do FECJ pretende manter vivo o espírito eurovisivo ao longo do ano, visto que o FEC se realiza em maio e o FECJ, no final do ano, regularmente em dezembro. Parte dos jovens que competem neste concurso encontram os seus pares na versão original do Festival. Porém, existe um país que se apresenta distinto, sendo ele o Cazaquistão, que conta com a sua entrada no FECJ. Na sua história participativa, apesar de ser um país da periferia europeia, conta com o segundo lugar em dois anos, após ter entrado pela primeira vez em 2018.

Não só mas também em solo europeu e além-fronteiras, é possível denotar inspirações deste formato nos mais variados campos. No Velho Continente, podemos referir a nível mais local o Bundesvision, uma adaptação da Eurovisão aos estados alemães, a nível mais geral o Eurovision Young Dancers, Eurovision Young Musicians, Eurovision Dance Contest e Magic Circus Show. Atualmente, somente o Eurovision Young Musicians ainda se realiza. A nível extra-europeu, conseguimos encontrar no lado asiático, o Turkvision Song Contest, Bala Turkvision Song Contest e os diferentes Asia-Pacific Broadcasting Union (ABU) Song Festivals, ABU Radio Song Festival, ABU TV Song Festival, ABU International Dance Festival e ABU Song Contest. Estas recriações

e inspirações promovem a ideia de *franchise* e levam o *core* do FEC para além do seu normal raio de influência.

Atualmente, o FEC busca reencontrar o seu papel de atratividade junto dos mais novos e das comunidades digitais. É através destas mesmas plataformas que parece existir um maior fator de disparidade quando pensamos nas votações do público *versus* a votação dos jurados de cada nação. Plataformas que apresentam um algoritmo mutável, como por exemplo o *tiktok*, permitem a constante atualização daquilo que é apresentado ao consumidor, podendo criar novos padrões musicais ou expectativas para o público, tema que abordaremos num outro ponto, quando reflectirmos sobre algumas atuações na edição número sessenta e seis do FEC. Analisaremos de que forma estes fatores poderão eventualmente alterar uma votação que seria vista como provável.

2.2. Canção a canção: intervenientes, língua e vestuário

Nos sessenta e sete anos de história eurovisiva até à data, é possível encontrar diversos aspetos que permitem distinguir os intervenientes em palco, seja o número de intervenientes, a sua língua ou outros meios utilizados. Neste sentido, e por existirem inúmeras edições, optámos, na nossa investigação, por fazer uma abordagem comparativa entre a primeira edição do FEC, realizada em 1956, e a sua edição mais recente, em 2023, refletindo os processos e recursos envolvidos ao longo destes anos.

Como apresentado anteriormente, em 1956, participaram pela primeira vez no FEC sete países (Bélgica, França, Alemanha, Itália, Luxemburgo, Países Baixos e Suíça), sendo esses considerados os membros fundadores desta competição. Apesar de atuarem duas vezes, com músicas distintas, constatamos que a maioria dos participantes recorreu à mesma língua em ambas as demonstrações, exceto a vencedora, oriunda da França, Lys Assia, que cantou nas línguas francesa e alemã, duas das línguas oficiais suíças. Contudo, nessa primeira edição, a língua francesa foi o idioma mais utilizado pelos participantes, incluindo França, Luxemburgo e Bélgica. Ao contrário dos demais, os mesmos representantes suíços e luxemburgueses executaram as duas performances, o que poderia ajudar o público a uma identificação dos intérpretes do país de origem de uma maneira mais fácil. Além dos participantes que disponibilizaram logo através dos meios radiofónicos, as suas atuações, três outros países fizeram o mesmo, entrando oficialmente no ano seguinte na competição. Referimo-nos a Áustria, Dinamarca e Reino Unido. O concurso decorreu durante um único dia, demorando igualmente menos tempo, como explicado no capítulo anterior.

Refletindo agora sobre o século XXI e a última edição do FEC, em 2023, face ao formato que havia sido apresentado na data de estreia deste concurso, é possível encontrarmos inúmeras alterações. Graças a diversas dinâmicas históricas ocorridas em solo europeu, notamos um incremento no número de países participantes: de 7 países em 1956, assistimos, em 2023, a 37 países em concurso. Apesar de não contar enquanto participante, foi facultada a informação de que, passado trinta anos, o Luxemburgo, país fundador do FEC e vencedor do concurso por 5 vezes até à data, voltará a participar na edição de 2024 do festival. Em virtude das regras impostas no que concerne às canções apresentadas, percebemos que vinte e três das trinta e sete apresentaram músicas em língua inglesa. Apesar de algumas canções conterem passagens em inglês, eram cantadas

em outro idioma característico do país que estaria a ser representado. Porém, Albânia, Croácia, Eslovénia, Espanha, Finlândia, França, Itália, Moldávia e Portugal apresentaram-se em palco com composições musicais na sua língua-mãe. Destes nove países, se pretendermos analisar de que forma se saíram a nível de pontuação em correlação com a utilização do idioma identificativo, percebemos que somente dois, Finlândia e Itália, arrecadaram um lugar no top 10. A canção vencedora deste ano foi a da Suécia, com atuação de Loreen, que já havia representado o seu país em 2012, tendo sido consagrada vencedora nesse mesmo ano.

Ligadas à cultura do país, existem participações que os fãs eurovisivos consideram icónicas e que, mesmo não tendo sido vencedoras, fazem parte da história do festival. A título de exemplo, podemos referir um dos nomes mais populares desta competição, no século XX, logo dois anos após o início do FEC: Domenico Modugno, em representação da Itália, apesar de ter arrecadado o terceiro lugar. Nesse mesmo ano, compôs uma das músicas eurovisivas mais cantadas. Numa época em que a rádio era considerada o meio de transmissão por excelência, o ritmo animado conquistou os fãs. No ano seguinte, Modugno viria a ganhar o Grammy para música do ano e para gravação do ano. A música *Nel Blu Dipinto Di Blu* é a única composição eurovisiva a arrecadar estes mesmos prémios, demonstrando que o festival poderia e pode funcionar como uma rampa de lançamento para os artistas. Se recuarmos a 1974, recordamos os ABBA, a banda sueca que conquistou o coração dos fãs e que se tornou numa das bandas mais acarinhadas dos anos 70, a nível mundial. É de sublinhar que no século XXI continuam a provocar a atenção do público, tendo em conta os vários filmes e documentários que se continua a produzir sobre essa banda. Aquando da sua atuação no FEC, o vestuário utilizado colocou em palco um estilo descontraído, brilhante e livre que viria a caracterizar toda a década:

Everything changed as Agnetha and Frida bounced down the stage in their gloriously of-the-moment synthetic outfits and glittery make-up. (...) Reworking the song's Swedish lyrics into English was another master-stroke, broadening the glam-pop stomper's appeal far further than if it had remained in its native language. None of that would likely have mattered, though, if "Waterloo" hadn't been such a strong song, and the ABBA Eurovision performance so assured. (...) It remains one of the classic Eurovision records, illustrated by its subsequent hike up the charts (Elliot, 2023: s/p).

Já neste século e talvez pelo constante despoletar do recurso aos meios digitais, reconhecemos determinados artistas vencedores desta competição. Nomes como os de Alexander Rybak, representante da Noruega em 2009, Loreen, representante da Suécia em 2012 e 2023, Emmelie de Forest, representante da Dinamarca em 2013, e Conchita Wurst, representante da Áustria em 2014, permanecem na memória eurovisiva mais recente pelo seu papel de animação ou pelos ideais que defendiam. Mas, como vimos no caso de Domenico Modugno, não só de vencedores se escreve a história deste festival. Apesar de muitos participantes não terem sido consagrados vencedores são, hoje em dia, lembrados. Nos anos mais recentes do FEC, Mahmood, da Itália, Go_A, da Ucrânia e Konstrakta, da Sérvia, são alguns dos nomes que, nos seus respetivos anos, conseguiram um papel de diferenciação e de distinção entre os seus pares.

Da mesma forma, como encontramos novos artistas que buscam lançar-se no mundo da música através das portas eurovisivas, alguns são aqueles que, depois da fama, integram este mesmo concurso para manter vivo o seu papel na música, como foi o caso dos The Rasmus, pela Finlândia, e os Hooverphonic, pela Bélgica. Fazer parte de um evento com a proporção da do FEC é uma oportunidade para lançar qualquer artista, como já tivemos oportunidade de referir. Vencedores ou não, os mesmos devem saber capitalizar a sua participação para que assim possam ganhar ainda mais reconhecimento e fama. Em certas situações, é a música que conquista os fãs, tornando-se numa das mais ouvidas ao longo das diferentes plataformas digitais, como *Spotify*, *Apple Music*, *Youtube*, entre outras. Tal foi o caso de Duncan Laurence, em representação dos Países Baixos, que totaliza mais de 935000000 *streams* no Spotify, “securing its position as the ultimate streaming champion among Eurovision winners” (Vranis, 2023: s/p). Outro exemplo pode ser encontrado com os vencedores da edição de 2021 do FEC, os Måneskin, cuja vitória levou a que conquistassem fãs além do território europeu. Podemos considerar que o feito eurovisivo alargou o raio de influência desta banda, especialmente através das redes sociais, levando o sonho da banda, que havia participado no *X Factor* italiano anos antes, além fronteiras. “While Måneskin’s inimitable swagger have led to a recent international meteoric rise, the Italian quartet have tapped the glitter and grime of rock’s glory days” (Phillips, 2023: s/p), conduzindo à sua nomeação, em 2023, para o Grammy de Artista Revelação. Desde a sua vitória, a referida banda tem estado em *tour* nos diferentes continentes, cativando aqueles por onde passam. Numa sociedade em que procuramos a igualdade, dentro das nossas diferenças, sejam elas étnicas, sociais ou

sexuais, as redes sociais e as plataformas digitais funcionam como um meio de transmissão das ideias e ideais. A fluidez de género entre os quatro membros da banda e a aceitação de todas as preferências individuais destacam-se como elementos que marcam e fundamentam a presença dos Måneskin na agenda pública. Muitos são os projetos que advieram da vitória dos mesmos no FEC, provando, uma vez mais, que existe o papel de lançamento e o de alavancar o potencial de um artista que compita neste concurso.

Independentemente do reconhecimento que possa advir desta carreira, é no momento em que se apresentam em palco que podemos encontrar a festa de uma cultura levada ao seu ponto máximo. As opiniões podem diferenciar-se e os fãs eurovisivos podem não ser apologistas da vertente cultural e tradicional de um determinado povo, mas, se refletirmos no papel que estas podem ter em diferenciar-se das demais, percebemos que podem tender para ambas as posições. É neste sentido que, pensando nos aspetos culturais que explorámos no capítulo anterior, consideramos pertinente analisar algumas intervenções artísticas que nos parecem relevantes apresentar na nossa investigação.

“Mesmo do ponto de vista linguístico, basta um pouco de ouvido para reconhecer as diferenças” (Cabral, 2001: 73), sendo essas diferenças que poderão influenciar a votação. França, em 2022, apresentou-se com a música *Fulenn*, cantada num dialeto francês, o bretão, da região da Bretanha, no noroeste francês. Além da apresentação com um elemento tradicional, como é a língua, toda a *performance* de Alvan & Ahez estava envolvida por um carácter de mistério e lendário atribuído àquela mesma região. Foi através desse carácter de diferenciação que foram selecionados na pré-qualificação francesa, *C'est vous qui décidez*. Quando questionados sobre a apresentação de uma música composta por uma linguagem e *performance* característica de uma localização, afirmaram que:

It's true that when we speak about minority languages, we often think in terms of the past. But we really wanted to show that this language we are representing is actually alive and healthy, and we can mix it with electro music and other influences. The Breton language – we want it to grow. It really can fit every style of music. That's what's so magical with music, we can explore a mix of so many different things and that's what we wanted to show – bringing the language to such a great event like the Eurovision Song Contest (Eurovision, 2022: s/p).

A título de informação, a canção apresentada não conseguiu arrecadar o lugar desejado, ficando em vigésimo quarto lugar na final, totalizando dezassete pontos, sendo oito providenciados pelo júri e nove pelo público. Recuando no tempo, uma situação semelhante foi a da Turquia, em 1975, representada por Semiha Yanki, que arrecadou apenas três pontos na sua estreia no FEC. Não obstante, em outros anos, encontramos o fenómeno inverso. Ao entrar no festival em 1973, Israel, nos seus primeiros anos, apresentou-se, única e exclusivamente com uma canção em hebraico. Contudo, foi só na sua sexta e sétima participação que conseguiu sagrar-se vencedor, mantendo a língua no centro da atenção. Nos últimos vinte anos do FEC, somente quatro vencedores arrecadaram este lugar, homenageando o seu país com uma canção na língua-mãe: Sérvia, em 2007, Portugal, em 2017, Itália, em 2021, e Ucrânia, em 2022. Este resultado poderá explicar a prevalência e, de certo modo, preferência de um artista em se apresentar com uma composição em língua inglesa.

“Quando as fronteiras se dissolvem, as identificações também se confundem” (Brandão, 2011: 41) e o vestuário que cada indivíduo utiliza pode encontrar e identificar o seu semelhante, como vimos no anterior capítulo. As vestes típicas ou identificativas de um determinado povo podem levar a uma identificação dos mesmos, apesar de não se apresentarem na sua língua principal. Ao longo dos anos, diferentes trajes serviram e marcaram as participações. Dois dos casos mais recentes podem levar-nos a 2003, quando a Turquia, com Sertab Erener, se apresentou em palco com vestuário semelhante àqueles que encontraríamos na dança do ventre e sonoridades características deste mesmo estilo que é facilmente encontrado em diversas regiões da Turquia, sagrando-se assim nesse mesmo ano vencedora do FEC. Também Buranovskiye Babushki, em 2012, em representação da Rússia, utilizou vestes típicas, com tonalidades semelhantes ao vermelho e padrões clássicos repetitivos, em homenagem a um dos trajes mais antigos russos, o *poneva*, arrecadando o segundo lugar, ficando a cento e treze pontos do vencedor desse mesmo ano. Nos anos 80, também é possível encontrar este tipo de representação cultural com a Noruega que, apesar da individualidade, ficou aquém do *top 10* desse mesmo ano.





Figura 5 – Participações da Turquia, em 2003, da Rússia, em 2012, e da Noruega, em 1980.

Os instrumentos e os géneros musicais também contribuem para que um país se distinga, mesmo quando não estão de forma tão vincada na sua cultura ou nas suas apresentações. Apesar de menos comum, é possível encontrarmos este mesmo feito, em 1997, com a Grécia e a Turquia. Representadas por Marianna Zorba e Sebnem Paker and Group Ethic, respetivamente, conseguiram distinguir-se dos outros concorrentes através do uso de instrumentos como o *krotalon* e o *baglama*. Embora façam parte de famílias musicais distintas, um de percussão e outro de cordas, estes elementos adicionaram outro nível de diferenciação para além da língua e do vestuário.



Figura 6 – Instrumentos utilizados nas participações da Grécia e da Turquia, em 1997.

Em anos mais recentes, e com a retirada da orquestra ao vivo que poderia acompanhar os diferentes artistas nas suas atuações, em 2004, passou a ser mais difícil encontrar instrumentos que permitissem este efeito distintivo. O caso mais recente deu-se em 2021, com os Go_A, banda que já referimos anteriormente, utilizou um *sopilka*,

um instrumento de sopro, fabricado em madeira, que nos transporta para locais na natureza, tendo já sido utilizado em apresentações anteriores da Ucrânia.



Figura 7 – Sopilka, instrumento ucraniano de sopro, feito em madeira.

Ainda que não necessitemos de combinar todos estes elementos para que tenhamos uma representação mais genuína de uma determinada cultura ou de um povo, quando encontramos a conjugação de todos estes pontos, nota-se a presença do aspeto cultural, independentemente da sua classificação. É certo que, quanto mais perto estejamos de uma cultura, mais fácil será para o indivíduo reconhecer estes mesmos componentes. Um facto que também pode surgir devido aos conceitos previamente associados a cada comunidade, podendo fazer parte de um pré-conceito, em certa medida. Após uma pesquisa de entre os mais variados elementos anteriormente listados, a apresentação de Blanca Paloma, em representação da Espanha, em 2023, poderia somar todos estes itens. A composição EAEA, cantada exclusivamente em castelhano, transmite a energia associada ao flamenco, algo característico um pouco por todo o território espanhol. “which is in keeping with Blanca’s trademark style of mixing the traditional with the avant-garde and modern pop” (Eurovision, s/d: s/p). A utilização da cor vermelha e da luz transporta o espetador aos trajes típicos em que esta tonalidade representa a paixão e a fugacidade do momento:

This songstress has a playlist full of Spanish influences, as well as a few songs from across the globe. Blanca loves the vintage Spanish vibes of *La Bomba Gitana* by Lola Flores and *Quien Maneja Mi Barca* by Remedios Amaya (Eurovision, 2023: s/p).

Esta é uma das mais recentes manifestações que podem ser transversalmente associadas a um povo e a uma cultura pela sequencialidade dos elementos. Podemos

referir participações anteriores, como a da Irlanda, em 2007, com Dervish, uma banda de música *folk*⁶ irlandesa que se apresentou em palco utilizando trajes inspirados nas vestes dos povos celtas que estiveram presentes no que é atualmente considerado território irlandês. Os trajes associados à letra e à melodia conduzem o espectador à Irlanda dos séculos anteriores, sobretudo à Irlanda do século XV e da animação que era apresentada nas cortes reais.

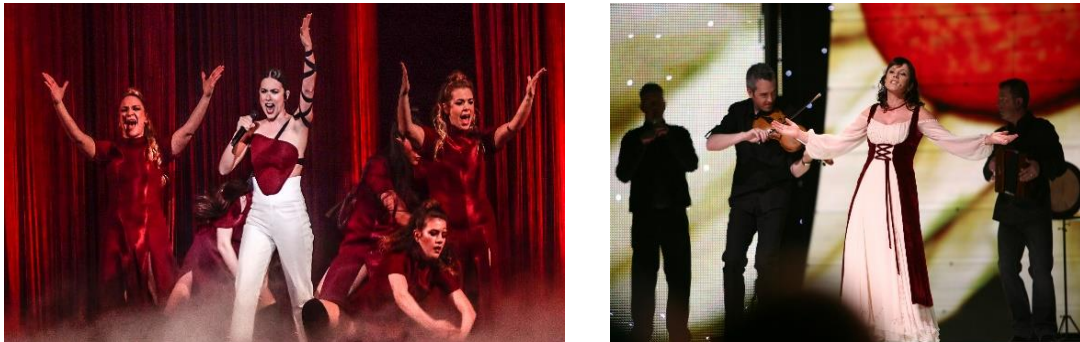


Figura 8 – Participações de Blanca Paloma, 2023 e Dervish, 2007.

⁶ O género *folk* ou *folklore* está geralmente associado à música tradicional de uma determinada cultura, uma vez que o vocábulo *folk* está relacionado com povo e *lore* ligado com conhecimento.

2.3. Tendências, manifestações culturais e desafios

Embora o FEC seja um concurso onde os seus intervenientes procuram uma vitória, é normal que encontremos elementos recorrentes e pontos de diferenciação face às demais competições. Como tentámos demonstrar anteriormente, com a não obrigação da utilização da língua mãe numa determinada apresentação é perceptível uma monopolização da língua inglesa. “According to Ethnologue, English is the most-spoken language in the world including native and non-native speakers” (Berlitz, 2023, s/p). Uma afirmação que revela como uma língua pode tornar mais simplificada a compreensão e captação de mais ouvintes e, por conseguinte, tende a arrecadar melhores resultados. Nos últimos vinte anos, dezasseis dos vencedores apresentaram-se em palco com uma composição em língua inglesa, dois dos quais, detinham uma combinação entre esta língua e o idioma tradicional do país que representavam, neste caso, a Ucrânia. Passámos de dezasseis em vinte e seis participantes, em 2003, para vinte e três em trinta e sete participantes, em 2023, que utilizam a língua inglesa como meio de expressão. Esta tendência, que tem vindo a tornar-se mais acentuada com o decorrer do tempo, continuará certamente a revelar-se ainda mais evidente, a não ser que o Comité Executivo do FEC volte a introduzir a regra da obrigatoriedade de utilização da língua oficial do país que representam.

Parece-nos pertinente para a nossa dissertação refletir sobre a temática das canções dos vencedores do FEC. Por já terem existido inúmeras edições, sessenta e sete, centraremos a nossa atenção, a título de exemplo, nos últimos dez anos de competição. A melodia, composição ou até estilo musical pode diferenciar-se dos demais, mas, é no *core* da letra dessas canções que encontramos uma possível razão que pode ter contribuído para a vitória desse mesmo artista. Mais de metade dos dez vencedores anteriores apresentaram composições que se centram em questões sociais, de insurgência social em certa medida, observando o indivíduo de um ponto de vista exterior, podendo oferecer-lhe motivações e razões que o sustentem. Por exemplo, a composição *Heroes*, apresentada por Måns Zelmerlöw, em 2015, relata como o indivíduo está rodeado de diversas situações que podem dificultar a forma como o mesmo as encara, nunca esquecendo o poder que este conta dentro de si, afirmando:

Don't tell the gods I left a mess
I can't undo what has been done

Let's run for cover
What if I'm the only hero left?
You better fire off your gun
Once and forever

He said go dry your eyes
And live your life like there is no tomorrow son

To go sing it like a hummingbird
The greatest anthem ever heard
We are the heroes of our time
But we're dancing with the demons in our minds

Também *Zitti e Buoni*, de Måneskin, traduzida para português como quieto e bom, no sentido de calado e bem-comportado, reflete sobre como não nos devemos conformar com o que é a norma da sociedade, encontrando nos outros semelhanças através das suas diferenças, como abordamos nesta investigação quando refletimos sobre multiculturalidade.

Outro tópico que poderíamos encontrar nestes últimos vencedores está relacionado com a temática do amor, podendo este ter sido correspondido ou não. Não só, mas também, as dificuldades que pode advir de uma relação amorosa. Em 2018, Netta apresentou-se em palco com a composição *Toy*, uma música que se tornou popular apesar de muitos questionarem o que fez levar a este fenómeno. A letra afirma-se como uma elevação de um dos lados da relação amorosa após esta não ter resultado, dizendo “I am not your toy”. No ano seguinte, Duncan Laurence também se sagrou vencedor com uma canção com uma letra/temática semelhante, ao referir:

A broken heart is all that's left
I'm still fixing all the cracks
Lost a couple of pieces when
I carried it, carried it, carried it home

I'm afraid of all I am
My mind feels like a foreign land
Silence ringing inside my head
Please, carry me, carry me, carry me home

I've spent all of the love I saved
We were always a losing game
Small-town boy in a big arcade
I got addicted to a losing game

Se centrarmos a nossa atenção apenas nas composições vencedoras observamos que as temáticas, tais como a do amor, do malogro sentimental e da irreverência perante medidas sociais, são as mais populares entre as mesmas. Contudo, os tópicos das demais canções tendem a encontrar pontos em comum ou semelhantes com as vencedoras. A letra carrega um valor importante para cada apresentação singular, mas, é também a melodia que possibilita que uma composição arrecade um bom lugar na tabela classificativa. Das canções que apresentámos acima, sobretudo as que se encontram ligadas ao domínio sentimental, apresentam-se com uma melodia semelhante a uma balada, enquanto as demais, ligadas à tomada de posição perante questões sociais exibem uma melodia mais áspera e dura, acompanhando a música das mesmas. Disso pode ser exemplo a utilização do estilo pop rock pelos Måneskin, utilizando o *core* deste estilo musical que é a sua irreverência e a contestação da normalização. No anexo 5, encontramos as letras completas das canções vencedoras dos últimos dez anos.

A confraternização na *Green Room*⁷ e as semelhanças entre os países podem levar a que existam elos entre os mesmos, promovendo uma facilitação ou favorecimento a determinadas nações no voto que evidenciamos como, por exemplo, o voto por amizade. Este tipo de voto, reconhecido na votação dos jurados, tende a seguir uma tendência. Se um determinado país vota com uma respetiva pontuação noutra, esse voto pode ser repercutido no sentido inverso. Exemplo dessa tendência poderia ser a ligação entre Chipre e Grécia. Entre 2016 e 2021, nas cinco edições do FEC, a Grécia pontuou a apresentação do Chipre com o máximo, ou seja, com doze pontos. Em 2022, essa pontuação passou para dez pontos. No reverso, entre 2016 e 2022, e apesar de não se ter qualificado na edição de 2018 para a final, Chipre pontuou, em todos esses anos, a Grécia com doze pontos. Se ficássemos por aqui, poderíamos afirmar que se manteria este voto por amizade. Contudo, no mais recente registo do FEC, encontramos uma alteração a esta situação. A Grécia falhou a sua passagem à final e com a alteração das votações apenas nos podemos referir à final. Neste sentido, é facto que a Grécia pontuou com somente

⁷ A *Green Room* é o local onde ficam os artistas e as delegações dos respetivos países durante as atuações dos demais artistas em concurso.

quatro pontos a participação de Chipre, indo contra aquilo que pudemos observar nos últimos anos.

Desde a sua fundação, o Festival da Eurovisão tem-se apresentado como um movimento apolítico para que funcionasse como um território neutro no pós-Guerras Mundiais. Porém, por ser composto por diferentes gentes e resultado de uma comunidade com interesses distintos, a sua imparcialidade aos confrontos internacionais pode ter-se esbatido ao longo dos mais de sessenta anos de competição:

The main aim of cultural diplomacy is to strengthen diplomatic relations and improve the international image of a country in order to advance diplomatic, political, and economic ties and interests, as well as to maintain and normalize bilateral ties in time of tension (Borić, 2017: 226).

Contudo, desde 1958, conseguimos apontar certos aspetos que tendem a provar a existência de uma discordância ou um posicionamento, em resultado de políticas ou ações pouco amigáveis, não só entre os participantes, mas também entre outros países periféricos ao Velho Continente. O caso mais recente, que veio a culminar em duas edições repletas de suposições, foram as de 2022 e 2023. Como abordámos anteriormente, a invasão da Ucrânia aconteceu meses antes do início do festival da Eurovisão. Nesse momento, os dois atores principais, Ucrânia e Rússia, já haviam escolhido os seus representantes para esse mesmo ano. Conforme o desenrolar da situação, e pela tomada de posição dos diferentes órgãos e países, também o Comité Executivo decidiu tomar posição contrariando a sua neutralidade, e excluir a participação russa da competição. Para um festival que se pretende mostrar imparcial e apolítico, esta foi uma decisão parcial, ao tomar partido por um dos lados, seguindo o modelo de outras instituições europeias, no sentido de sancionar o país russo.

Também na edição de 2023, conseguimos encontrar algumas referências, seja na letra ou na *performance* de um determinado país, sobre este acontecimento. Vesna, representantes da República Checa, apresentaram-se em palco com a canção *My Sister's Crown*, cuja letra cantada nas línguas inglesa, ucraniana, checa e búlgara nos fala da resistência de uma “irmã”, que se mantém forte e verdadeira a si mesma, promovendo a paz e o amor, em vez da guerra e de perdas humanas:

My sister won't stand in the corner/ Nor will she listen to you/ My sister, wild at heart/
Will never let you tie her down (...) My beautiful sister, you are so strong/ Brave and the
only one, the crown is yours (...) Give me your hand don't be afraid/ Come swim with
your sisters/ There's no place for hate in our sea (...) You can take your hands back/ No
one wants more boys dead.⁸

Ao lado desta composição, encontramos também os representantes da Croácia, Let 3, com a música *Mama Šć!*, cantada na língua croata, na qual é possível encontrar, na letra, semelhanças com a canção anterior. Na atuação da Croácia, é possível depreender-se uma posição negativa perante o referido confronto bélico, sobretudo pela forma como se apresentaram em palco. “Mama, I'm going to war”.⁹



Figura 9 – Participação da Croácia, em 2023, no FEC.

Em anos anteriores, também se encontram semelhanças no que diz respeito a situações e, por conseguinte, posições políticas. Relembremos o conflito entre Israel e Palestina, considerado um dos mais longos da História. Numa situação em que apenas um dos integrantes faz parte do FEC, as tomadas de posição poderiam não ser tão visíveis como no caso da Ucrânia. Porém, em plena *Green Room*, os representantes da Islândia, em 2019, Hataria, tomaram a posição do lado palestiniano quando, no momento de distribuição dos votos, ergueram uma bandeira da Palestina.

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=ag8qxpVTTy0> – Vesna: My Sister's Crown. (A minha irmã não vai ficar no canto/ Nem te vai ouvir/ A minha irmã, selvagem de coração/ Nunca vai deixar que a amarres (...)) Minha linda irmã, és tão forte/ Corajosa e a única, a coroa é tua (...) Dá-me a tua mão, não tenhas medo/ Vem nadar com as tuas irmãs/ Não há lugar para o ódio no nosso mar (...) Podes recuperar as tuas mãos/ Ninguém quer mais rapazes mortos). (Tradução nossa) – No anexo 3 encontramos a letra completa.

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=hGuGfdEJ5Pw> – Let 3: *Mama Šć!*. (Mamã, eu vou para a guerra). (Tradução nossa) – No anexo 4 encontramos a letra completa.



Figura 10 – Hatari, no momento da distribuição dos votos, em 2019, em Tel

Esse mesmo ato valeu-lhes uma multa, uma vez que “Contest organizers the European Broadcasting Union said Saturday in a statement sent to AFP that the gesture infringed their rules banning political gestures” (AFP, 2019: s/p).

Para além dos já apontados, muitos são os momentos e manifestações políticas que poderíamos elencar como boicotes:

due to voting or political situation in a host state (Spain), false broadcasting in Jordan in order to hide the victory of Israel is a reflection of tangled bilateral relations, as well as expulsion from the ESC due to the unpaid debt to EBU (Romania) (Borić, 2017: 228).

Em anos anteriores, outros países que antes pertenciam à denominada Jugoslávia, tais como Bósnia e Herzegovina, Croácia e Eslovénia, assumiram posições referentes a conflitos políticos:

One of the most striking examples of using the ESC for sending a political message by using the soft, nonpolitical, medium in 1993 was participation of Bosnia and Herzegovina (Jordan, 2014). Since at that time the war was raging in former Yugoslavia, particular attention was given to performers from Bosnia and Herzegovina, Croatia, and Slovenia, the newly independent countries which made their debut in the competition after the dissolution of Yugoslavia. Since the global audience at that time was not getting enough information about the war on the European soil (...) Their entry songs strongly referred to the turmoil in the region which, in 1993, showed no signs of slowing down. Croatia participated with a song titled “Don’t ever cry” which talked about a young man Ivan who died in the war, and Bosnian entry song was “Sva bol svijeta” (All the Pain in the World) which had a similar undertone (Borić, 2017: 229/230).

A tomada de posição a nível político no cerne do FEC irá estar sempre presente, seja de forma perceptível, seja de forma mais dissimulada. Tal poderá ser explicado devido à convivência multicultural do Velho Continente assim como à resistência e à natureza reformadora de todos os países integrantes.

Uma tendência que já se começou a impor no FEC é, como já abordámos anteriormente, as redes sociais. Com a criação deste novo modo de comunicar e o posicionamento do concurso e dos países cada mais se vive um caminho pré-festival que liga o espetador ao artista. Mais recentemente, é possível perceber que nas plataformas digitais a opinião pública pode contribuir para ditar o resultado final da competição. Contudo, o fenómeno reverso pode também acontecer. Na edição de 2023 do FEC, o grande vencedor do público era Käärijä, com *Cha Cha Cha*, assim como também a representante norueguesa, Alessandra. Se recordarmos a edição 2019, o mesmo se terá passado com Mahmood, representante da Itália. As redes sociais, com maior incidência no *Twitter* e no *Tiktok*, permitem uma prospeção e a colocação do artista no centro das conversas sobre o FEC. Inclusive, podemos encontrar composições que normalmente não conseguiriam lugar numa final, mas que se conseguem apurar por conter uma determinada parte que cativou o público, como é o caso da música *Solo*, da Polónia, em 2023. A primeira palavra, respetivamente *baby*, com o ritmo da música e da entoação da artista tornaram-se virais.

O pós-final eurovisivo conta também com a exposição e visibilidade dos artistas, não só pela sua vitória, mas também pelos seus looks, como foi o caso dos vencedores de 2021, os Måneskin. Este grupo conquistou a Europa e o mundo de rompanete, levando a que o pop rock voltasse a estar no centro da ação, como no século passado:

But Måneskin, whose name is the Danish word for moonlight, has instead achieved a level of global popularity unprecedented in the history of Italian rock. And they've done it faster than any Eurovision winner ever, another indication of how quickly stardom can happen in the digital age (Shaw, 2021: s/p).

Este crescimento foi largamente estimulado pelo *Tiktok*, cujo algoritmo pode favorecer um determinado vídeo e levá-lo a milhões de visualizações. Na edição de 2022, embora não tenha conseguido um lugar no *top 10*, Rosa Linn, representante da Arménia, viu a sua canção eurovisiva tornar-se num *hit* mundial nesta mesma plataforma. Este

algoritmo permitiu que a música Snap conquistasse de rompante o público mais afastado da Eurovisão. “Rosa Linn's Snap has been used on more than 360,000 TikTok clips, with some having millions of likes (...) "You never know what will go viral on TikTok," Rosa Linn said” (BBC, 2022: s/p).

O FEC está sempre em constante mudança e adaptação aos novos meios e à sociedade em que se insere. Todos os desafios, oposições e tomadas de posição demonstram o poder de união através de um movimento cultural e como este pode unir nas diferenças. É sabido que, contendo as suas regras, os artistas, caso queiram apresentar e motivar algum assunto ou finalidade, devem de o fazer de forma a não prejudicar ou injuriar outro concorrente.

(...) I intentionally draw attention to the cultural and performance sites at which the Eurovision Song Contest is open for the emergence of many different voices of European difference.
Philip Vilas Bohlman¹⁰

3. O Festival Eurovisão da Canção para a comunidade europeia

Como tentámos demonstrar ao longo dos dois pontos anteriores, existe uma ligação intrínseca entre o FEC e a comunidade europeia. Não sendo exclusiva, essa conexão pode facilitar um caminho comunicacional entre ambas as partes. O facto de ser produzido pela EBU fundamenta essa relação e torna a competição mais específica para o seu raio de influência. “The possibility that transnational TV programmes such as ESC might contribute to a sense of European belonging has been a point of some debate” (Pajala, 2013: 79). Atualmente, o seu raio de influência ultrapassa as fronteiras europeias, o que permite demonstrar a sua expansão no seio da sociedade e da comunidade em que o mesmo se desenrola:

A closer look at the data shows that cases in which the audiovisual construction adds Europeanness to the lyrics hardly ever occur, that is, when transnational European construction takes place, the linguistic level is generally involved (mostly by choice of non-national European languages) (Motschenbacher, 2016: 251).

Trata-se de um festival que surge como um elemento unificador de países e, assim também de diferentes culturas, que tem vindo a aglutinar cada vez mais países ao longo

¹⁰ A epígrafe é retirada da obra de Philip Vilas Bohlman, *The politics of power, pleasure and prayer in the Eurovision Song Contest*, de 2007, na página 64.

das suas já muitas edições. Até à data, integraram pela primeira vez o FEC as seguintes nações:

- 1956: Bélgica, França, Alemanha, Itália, Luxemburgo, Países Baixos e Suíça;
- 1957: Áustria, Reino Unido e Dinamarca;
- 1959: Mónaco;
- 1960: Noruega;
- 1961: Espanha, Finlândia, Jugoslávia e Suécia;
- 1964: Portugal;
- 1965: Irlanda;
- 1971: Malta;
- 1973: Israel;
- 1974: Grécia;
- 1975: Turquia;
- 1980: Marrocos;
- 1981: Chipre;
- 1986: Islândia;
- 1993: Eslovénia, Bósnia e Herzegovina e Croácia;
- 1994: Estónia, Lituânia, Polónia, Hungria, Rússia, Eslováquia e Roménia;
- 1996: Macedónia do Norte;
- 2001: Letónia;
- 2003: Ucrânia;
- 2004: Sérvia e Montenegro, Albânia, Andorra e Bielorrússia;
- 2005: Moldávia e Bulgária;
- 2006: Arménia;
- 2007: Montenegro e República Checa;

- 2008: São Marino, Geórgia e Azerbaijão;

- 2010: Sérvia.

Ao lado da comunidade europeia, enquanto participante, estiveram, estão e podem vir a estar vários países periféricos do continente europeu. Exemplo disso poderá ser a participação da Austrália que surgiu, num primeiro momento, como complementaridade. Esta competição funciona como um caminho para a compreensão e para o diálogo, uma união para observar uma manifestação cultural que pode conectar pessoas de diferentes culturas, idades e passados. Desde o início do FEC, existe em determinados países um convívio quando este acontecimento ocorre. As famílias e os grupos de amigos juntam-se para celebrar esta competição proporcionada pela EBU. Com o desenvolvimento das redes sociais, o *fandom* eurovisivo tem crescido exponencialmente e tem estado mais próximo daqueles que, em períodos anteriores, estavam mais afastados.

Um pouco por toda a parte, existem, para além das transmissões no canal oficial da Eurovisão e no *Youtube*, *viewing parties* que permitem transmitir os seus eventos. Estas têm o poder de unir os fãs eurovisivos e de, através da reunião à volta da televisão ou de uma plataforma digital, demonstrar o seu apoio, num raio mais pequeno de influência. “Gatherings or parties are importante as they secure Eurovision’s place within familial or social rituals. What occurs at these parties helps to create new memories for that group” (Carniel, 2018: 53). O que significa que o FEC sempre foi visto como um elemento de união, seja familiar, político, ou de amizade. Essa sua natureza permite-lhe cativar e arrecadar cada vez mais reconhecimento intra e extraeuropeu porque, apesar de ocorrer num contexto mais pequeno, promove o debate sobre a diversidade, a diferença e a aceitação do outro.

3.1. Unidade e Diversidade cultural (vista a partir de um inquérito)

Para a comunidade europeia, o FEC detém um papel relevante. Mas, para que fosse possível uma tomada de conhecimento fidedigna, sobre uma amostra razoável, colocámos em prática um inquérito com o objetivo de saber se existe um sentimento de unidade ou diversidade no seio da Eurovisão. O inquérito esteve disponível para preenchimento entre os dias 3 de fevereiro a 3 de abril de 2023, através das redes sociais, *WhatsApp, Facebook e Instagram*.

A amostra contou com um total de 95 respostas. Quanto a variáveis sociodemográficas, obtivemos os seguintes resultados:

- 80% do sexo feminino;
- 15,8% do sexo masculino;
- 4,2% preferiram não responder.

No que diz respeito à faixa etária, a que se destaca com um maior número de respostas é a dos maiores de 50 anos, com 42,1%, seguida da faixa etária entre 40 e 49 anos, com 25,3%. As idades referentes a menos de 20 anos e entre 30 e 39 anos não foram além dos 3,2% e dos 6,3%, respetivamente. Quanto à área de residência dos inquiridos, os valores mais elevados registados foram Funchal com, 52,6%, Caniço, 11,6%, Camacha, 8,4% e Santa Cruz, 6,3%, todos da Região Autónoma da Madeira (RAM). Também obtivemos respostas de locais fora da RAM, tais como Jersey, Lisboa, Amadora, Austrália, Mafra e Porto, num total de 9,7%. Em termos de habilitações académicas, destacam-se 43,2% dos inquiridos com licenciatura, 23,2% com ensino secundário e 11,6% com 3º ciclo/ 9º ano. As percentagens mais baixas registadas referem-se ao 1º ciclo/ ensino primário, bacharelato e doutoramento, com um total de 2,1%. No que concerne a ocupação dos mesmos, 77,9% encontra-se empregado, 12,6% são estudantes e 9,5% estão desempregados.

Todos os inquiridos afirmaram conhecer o FEC. Todavia, 52,6% acompanham às vezes, 25,3% acompanham sempre, 17,9% acompanham raramente e 4,2% nunca acompanham. No que diz respeito à pergunta sobre as razões que levam a assistir o festival, as respostas indicaram os seguintes resultados:

- 45,1% para apoiar o seu país numa competição europeia;

- 31,9% gostam de observar diferentes aspetos culturais;
- 31,9% acham interessante;
- 27,5% por curiosidade;
- 1,1% está ligado ao mundo da música;
- 1,1% porque há décadas que não há um festival que interesse;
- 1,1% para avaliar a qualidade musical;
- 1,1% acompanhar artistas de que gosta;
- 1,1% algumas tendências ou os Media promovem a Eurovisão e devido a participações específicas que tiveram boas repercussões no público.

Sobre o impacto que o FEC pode ter na população e no contexto intra e extraeuropeu, obtivemos as seguintes respostas:

- 64,2% acreditam que promove a representatividade de diferentes gentes e culturas;
- 27,4% alegam que é um movimento cultural;
- 26,3% afirmam que pode alterar a visibilidade de um determinado país;
- 1,1% encontra corrupção nos direitos televisivos e influencia nos resultados;
- 1,1% acha que promove a dedicação e valorização do património local com as suas adaptações.

Quanto à pergunta se, desde a fundação, o seu país já tinha vencido:

- 86,3% atestam que sim;
- 9,5% referem não ter esse conhecimento.

É certo que, para que possa alterar a visibilidade do país, uma vitória pode facilitar esse mesmo feito. Dos inquiridos,

- 87,1% atestam que este facto pode ocorrer;
- 10,6% não o sabem;
- 2,4% acreditam que a vitória não altera a sua visibilidade.

Sendo o nosso objeto de estudo o FEC e as manifestações culturais de cada país dentro do mesmo, os elementos culturais que já tivemos oportunidade de abordar em capítulos anteriores, como a língua e o vestuário, podem destacar-se como motor diferencial entre os mesmos. De acordo com 86,3% dos respondentes, aspetos como estes podem conduzir a essa diferenciação, 12,6% afirmam que talvez o facto aconteça. Estes aspetos distintos, consoante os inquiridos, podem ser representativos de uma cultura e de um povo, tendo sido declarado por 83,2% dos participantes. Por sua vez, 12,6% afirmam que talvez a língua, as vestes e as melodias sejam importantes para a representatividade de uma cultura e 4,2% não o consideram.

Devido à sua natureza e às proporções que o FEC detém, também podemos encontrar diversas vantagens no mesmo. Algumas das respostas mais comuns dos inquiridos ressaltam:

- A visibilidade e promoção que poderia vir a ter um país;
- Dar a conhecer diferentes traços culturais de diferentes povos europeus;
- Aumento do turismo devido à divulgação da nação;
- Promoção de novos talentos e da diversidade cultural.

Porém, foram apontadas as seguintes desvantagens:

- A utilização e uniformização de uma determinada língua (o inglês);
- Interesses económicos;
- Produção de estereótipos;
- O sistema de voto e imparcialidade.

Estas questões foram apresentadas aos inquiridos como “resposta aberta” para que pudessem obter pontos de vista distintos, que pudessem contribuir e valorizar a nossa investigação, uma vez que procuramos conhecer o sentimento das pessoas de unidade e/ou diversidade dentro do contexto europeu, através do FEC.

Com os resultados advindos do inquérito que utilizámos é possível tirar algumas conclusões que nos parecem pertinentes para a nossa investigação. Assim, podemos concluir que o FEC está muito presente na vida dos europeus, mesmos que estes não o acompanhem regularmente. Esta competição move as pessoas de uma maneira

semelhante às demais competições, podendo estas estar ligadas ao mundo do desporto, por exemplo, no sentido de querer apoiar a sua nação e ver-se representado além-fronteiras, ao mais alto nível possível. A convergência e convivência dos diferentes países, gentes e culturas favorece um *melting-pot* dentro do evento, criando condições para um prolongamento da ligação mesmo após terminar. O evento promove junto dos povos, assim, a representatividade cultural e a multiculturalidade de uma forma simples e abrangente. A língua, o vestuário, as melodias, entre outros elementos que podem culturalmente distinguir os indivíduos entre si, são valorizados pelo público porque permitem exaltar uma determinada cultura. Essa particularidade confere ao FEC a unidade através da diversidade e não o sentimento de um ou de outro. É claro que, nem sempre conseguimos encontrar este sentimento de distinção e podemos vir a encontrar outras situações. A homogeneização de uma língua, especialmente nos últimos anos, tem vindo a tornar-se algo comum o que pode retirar, de certa forma, a individualidade e identificação de uma nação consoante a língua em que se manifesta. Pode existir uma descaracterização cultural por ser adotada uma língua e estilos musicais distintos daqueles que são inerentes à sua cultura, encontrando uma uniformização linguística e musical.

Também, direta ou indiretamente, apesar de o FEC ser considerado um festival apolítico, estas questões podem vir à tona e criar situações de instabilidade que nada teriam a ver com a competição. Normalmente, tratando-se de um concurso em que reina a meritocracia, situações como a da Ucrânia em anos mais recentes podem fomentar uma vitória politicamente correta, retirando o mérito aos seus adversários. Inclusive, o sistema de voto pode estar a desviar-se das músicas favoritas e da sua pontuação, passando a deter-se sobre outras questões, tais como a situação do país, a intervenção dos artistas, entre outros. Em vez de ser representado pelos seus hábitos, raízes e costumes, o país pode ser associado a interesses e opiniões políticas, apesar de o mesmo ser feito com referências subtis. Com as crescentes minorias no território europeu, estejam estas ligadas à etnia, sexualidade, religião, entre outras, começam a tornar-se cada vez mais visíveis em palco, apesar de “The Eurovision Song Contest has never been about minorities and minority identities, in general or specific” (Bohlman, 2007: 47). Essa chamada permite que exista uma discussão sobre a aceitação das diferenças e promove a união pela diversidade, podendo vir a criar uma maior tolerância ao diferente.

Mas não só de pontos contrários se sustenta o FEC. A opinião da maioria dos inquiridos parece coincidir em algumas das ideias que resultam da nossa investigação. O

FEC funciona como motor para a diversidade cultural dentro do Velho Continente, mas é nessa diversidade que reside a unidade que os indivíduos podem vir a sentir. Os povos podem encontrar-se refletidos, através dos seus semelhantes, criando um ambiente de cooperação e proximidade. Não só para os fatores individualistas, mas quão mais refletido esteja uma nação, mais repercussões positivas podem daí advir. O turismo é um dos movimentos que mais se expande e é cada vez mais favorecido pela competição. Ao colocarmos uma cultura no centro das atenções, conseguimos retirar conclusões sobre diversos pontos que podem vir a propiciar aos participantes um conhecimento mais geral sobre o que é aquela nação:

Fan tourism traditionally often takes the form of a secular pilgrimage (Hall, 2002; Digance, 2006), as a location or site that has a meaning in the “text” surrounding a popular culture figure may be regarded as “sacred” within the fandom (Linden & Linden, 2017).
(...) It is clear that fans and fandoms play a key role in popular culture travel – and in particular in event-led travel (Linden, 2018: 1/11).

Este inquérito permitiu-nos perceber que, apesar de não ser um tema recorrente ao longo do ano, o FEC consegue despertar a atenção dos telespectadores na altura em que este ocorre, falando do público em geral. O seu *fandom* acompanha com mais atenção todos os passos até à celebração final do evento. Para todos os inquiridos, o FEC significa algo, mesmo que o seu conhecimento sobre a competição não seja exaustivo. Neste sentido, é possível afirmar que o festival faz parte de grande parte da comunidade em que nos encontramos inseridos.

Conclusão

Como tentámos demonstrar ao longo da nossa investigação, o sentimento de unidade através da diferença complementam-nos e tendem a estar na essência do continente europeu e, em especial, no Festival Eurovisão da Canção. Os elementos históricos que marcaram o Velho Continente fundamentam as relações intracontinentais e extracontinentais, que se encontram na base de qualquer forma de comunicação entre os povos. A língua, através das suas raízes etimológicas, permite um senso de compreensão e abertura ao semelhante. Também as tradições que se assemelham entre si no espaço de influência permitem uma adaptação mais simplificada do indivíduo quando este passa a integrar uma cultura distinta daquela que o viu nascer. Da nossa investigação cremos poder afirmar que o Festival Eurovisão da Canção coloca em palco a cultura, os elementos culturais e o bom nome de cada nação que integra esse encontro musical e de diferentes povos, concedendo a estes um espaço neutro em que a sua substância e essência pode ser observada pelos demais.

É através da conclusão deste percurso histórico e cultural europeu que julgamos poder afirmar que existe um sentimento de unidade e diversidade cultural no espaço europeu. As influências de várias partes do continente e do globo, através das migrações, favorecem também a multiculturalidade e, apesar de em algumas situações encontrarmos alguns entraves à convivência das gentes, a sociedade do século XXI parece encontrar-se mais apta e mais aberta para a comunicação e compreensão da diversidade. O Festival Eurovisão da Canção propicia este acontecimento desde a sua fundação porque sempre procurou promover os diferentes passados e os aspetos culturais distintos de todos aqueles que o integram, demonstrando a premissa de aceitação do diferente, do estrangeiro, do diverso.

Este estudo permite-nos ajudar a perceber como uma competição musical europeia consegue criar no espectador diferentes repercussões, seja a nível do turismo, do gosto pela cultura, entre outros. Procurámos, assim, demonstrar como esta manifestação cultural, reconhecível além-fronteiras, se torna numa fonte de inspiração para modelos semelhantes, tais como o American Song Contest ou o Eurovision Young Musicians. A opinião pública manifestada através dos inquéritos, realizados via online, veio trazer respostas a várias das interrogações que colocámos à partida para a nossa investigação. Através dos inquiridos julgamos poder comprovar que o FEC continua a ser um ponto de

encontro e de partilha de diversos povos e culturas, promovendo a sua difusão ao mundo. Não só, mas também as línguas nacionais utilizadas, apesar de terem perdido espaço, quando apresentadas em palco e em competição arrecadam bons lugares, favorecendo a singularidade que cada uma destas promove face o Festival Eurovisão da Canção.

Bibliografia

André, José M. (2012). *Multiculturalidade, identidades e mestiçagem: o diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião*. Coimbra: Palimage.

Bhabha, Homi K. (1994). *The Location of Culture*. Londres: Routledge.

Brandão, A. M. e Araújo, E. R. (2011). *Intersecções Identitárias*. Famacão: Húmus.

Cabral, Manuel V. (2001). A diversidade cultural da Europa: questões de escala e de grau. In *Mais línguas, mais Europa* (pp. 73-75). Lisboa: Edições Colibri.

Carmo, António. (2001). *Antropologia das Religiões*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carniel, J. (2018). *Understanding the Eurovision Song Contest in Multicultural Australia: We got love*. Londres: Palgrave Macmillan.

Chevalier, J., Gheerbrant, A. (1994). *Dicionário dos símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números*. Lisboa: Teorema.

Cuche, Denys. (2006). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa: Fim de Século Edições.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (3 vols.) (2003). Lisboa: Temas e Debates.

Ferin, Isabel. (2009). *Comunicação e Culturas do Quotidiano*. Lisboa: Quimera.

Himmel, R. (2017). Transcender a cultura: poderá a Europa ser um modelo de convivência através da diferença? In R. Ribeiro, V. de Sousa & S. Khan (Eds.), *A Europa no mundo e o mundo na Europa: crise e identidade*. Livro de atas (pp. 25-39). Braga: CECS.

Jabouille, V., Serra, J. P., Lourenço, F., Alberto, P. & Lemos, F. (1993). *Mito e Literatura*. Lisboa: Editorial Inquérito.

Jabouille, Victor. (1994). *Iniciação à Ciência dos Mitos*. Lisboa: Editorial Inquérito.

Lévi-Strauss, C. (1996). *Raça e história*. (5ª Edição) Lisboa: Presença

Losa, M. V. (2012). *A Civilização do Espetáculo*. Lisboa: Quetzal.

Motschenbacher, H. (2016). *Language, Normativity and Europeanisation: Discursive Evidence from the Eurovision Song Contest*. Londres: Palgrave Macmillan.

Moura, Vasco G. (2013). *A Identidade Cultural Europeia*. Lisboa: Ensaios da Fundação.

Pajala, M. (2013). Europe, with Feeling: The Eurovision Song Contest as Entertainment. In Fricker, K. & Gluhovic, M. (Eds.), *Performing the 'New' Europe: Identities, Feelings, and Politics in the Eurovision Song Contest*. Londres: Palgrave Macmillan.

Robert, Paul. (1983). *Micro: dictionnaire du français primordial*. Paris: Le Robert.

Walter, Henriette. (1996). *A aventura das línguas do Ocidente: a sua origem, a sua história e a sua geografia*. Lisboa: Terramar.

Webgrafia

AFP. (21 de setembro de 2019). *Iceland fined for pro-Palestinian protest at Eurovision song contest in Tel Aviv*. Consultado a 26 de maio. Disponível em <https://www.timesofisrael.com/iceland-fined-for-eurovision-pro-palestinian-protest-at-tel-aviv-final/> .

BBC. (29 de julho de 2022). *Rosa Linn's Snap: Armenia's viral TikTok Eurovision entry charts*. Consultado a 29 de maio. Disponível em <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-62345254> .

Berlitz. (6 de fevereiro de 2023). *The most spoken languages in the world*. Consultado a 24 de maio de 2023. Disponível em <https://www.berlitz.com/blog/most-spoken-languages-world> .

Bohlman, P.V. (2007). *The politics of power, pleasure, and prayer in the Eurovision Song Contest*. Consultado a 31 de janeiro de 2023. Disponível em <http://www.doiserbia.nb.rs/img/doi/1450-9814/2007/1450-98140707039B.pdf> .

Borić, Z, Kapor A. R. (2017). *The European Song Contest as a tool of cultural diplomacy*. Consultado a 25 de maio de 2023. Disponível em <https://hrcak.srce.hr/file/282100> .

Britannica. (s/data). *Europe – Religions of Europe*. Consultado a 24 de março de 2023. Disponível em <https://www.britannica.com/place/Europe/Tourism> .

Casa da História Europeia. (s/data). *Myth of Europa*. Consultado a 6 de fevereiro de 2023. Disponível em <https://historia-europa.ep.eu/pt/em-destaque/myth-europa> .

Conselho Europeu. (s/data). *O trabalho da UE em matéria de migração e asilo - Política de migração e asilo da UE*. Consultado a 30 de março de 2023. Disponível em <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/eu-migration-policy/#work> .

Elliot, M. (6 de abril de 2023). *How ABBA's Iconic 'Waterloo' Performance Won Eurovision*. Consultado a 17 de maio de 2023. Disponível em <https://www.udiscovermusic.com/stories/abba-eurovision-performance-waterloo/> .

EBU. (s/data). *The Birth of Eurovision and The EBU*. Consultado 16 de novembro de 2022. Disponível em <https://www.ebu.ch/about/history> .

Euroatlas. (s/data). *Europe in Year 1400*. Consultado a 19 de abril de 2023. Disponível em <https://www.euratlas.net/history/europe/1400/index.html> .

_____. (s/data). *Europe in Year 1900*. Consultado a 19 de abril de 2023. Disponível em <https://www.euratlas.net/history/europe/1900/index.html> .

Eurovision. (s/data). *American Song Contest Screens in 2022*. Consultado a 17 de novembro de 2022. Disponível em <https://eurovision.tv/mediacentre/release/american-song-contest-on-screens-in-2022> .

_____. (12 de junho de 2022). *Announcement: Eurovision Song Contest Latin America* Consultado a 17 de novembro de 2022. Disponível em <https://eurovision.tv/mediacentre/release/eurovision-latin-america> .

_____. (s/d). *Blanca Paloma*. Consultado a 22 de maio de 2023. Disponível em <https://eurovision.tv/participant/blanca-paloma-2023> .

_____. (s/data). *Eurovision Canada*. Consultado a 17 de novembro de 2022. Disponível em <https://eurovision.tv/story/eurovision-canada-2023> .

_____. (11 de maio de 2022). *France: Alvan & Ahez merge ancient myth with contemporary song*. Consultado a 19 de maio de 2023. Disponível em <https://eurovision.tv/story/alvan-ahiez-france-22> .

_____. (10 de maio de 2023). *Spain's avant-garde pop queen: Ya ea ea! It's Blanca Paloma*. Consultado a 22 de maio de 2023. Disponível em <https://eurovision.tv/story/ya-ea-ea-its-blanca-paloma> .

_____. (22 de novembro de 2022). *Voting changes announced for Eurovision Song Contest 2023*. Consultado a 28 de abril de 2023. Disponível em <https://eurovision.tv/mediacentre/release/voting-changes-announced-eurovision-song-contest-2023> .

Eurovisionfun. (11 de maio de 2023). *USA: Partners looking at options for the American Song Contest*. Consultado a 15 de maio de 2023. Disponível em <https://eurovisionfun.com/en/2023/05/usa-partners-looking-at-options-for-the-american-song-contest/> .

Francisco, L., Martínez, C. (s/data). *Eurovision Fans and Youtube followers: Language factor to find a clue for voters' election*. Consultado a 26 de maio

de 2023. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Laura-Rojas-De-Francisco/publication/305636832_Eurovision_Fans_and_Youtube_followers_Language_factor/links/57966ef208aeb0ffc05918d/Eurovision-Fans-and-Youtube-followers-Language-factor.pdf .

History.com Editors. (15 de março de 2017). *History of St. Patrick's Day Parades Around the World*. Atualizado a 24 de fevereiro de 2023. Consultado a 28 de março de 2023. Disponível em <https://www.history.com/topics/st-patricks-day/history-of-st-patricks-day-parades-around-the-world> .

Imbroisi, M., Martins, S. (2023). *Rococó. História das Artes*. Consultado a 17 de abril de 2023. Disponível em <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-barroca/rococo/> .

Linden, H., Linden, S. (2018). There were only friendly people and love in the air: fans, tourism and the Eurovision Song Contest. In C. Lundberg e V. Ziakas (eds.) *Handbook of Popular Culture and Tourism*. London: Routledge. Consultado a 14 de junho de 2023. Disponível em <https://repository.uel.ac.uk/download/53506f0119ae25a3d08f104eb71fa78de06b3034925f2ccf3abd343b72eeb4d4/427688/7481.pdf> .

Phillips, L. (18 de janeiro de 2023). *Meet The First-Time GRAMMY Nominee: Måneskin On Redefining Success, Staying Inspired & Honoring Italy*. Consultado a 19 de maio de 2023. Disponível em <https://www.grammy.com/news/maneskin-best-new-artist-2023-grammys-interview-meet-the-first-time-nominee> .

Público/Ana Maia. (21 de janeiro de 2023). *O retrato vívido e cru de uma operação de resgate de migrantes no Mediterrâneo*. Consultado a 30 de março de 2023. Disponível em <https://www.publico.pt/2023/01/21/p3/fotogaleria/retrato-vivido-cru-operacao-resgate-migrantes-mediterraneo-409614> .

Oxford Bibliographies/Runia, David T. (2019). *“Philo of Alexandria”*. Consultado a 8 de março de 2023. Disponível em <https://www.oxfordbibliographies.com/display/document/obo-9780195393361/obo-9780195393361-0095.xml> .

Rocha, Carlos. (29 de março de 2012). *Sobre a origem da história da religião*. Consultado a 15 de agosto de 2023. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/sobre-a-origem-da-palavra-religiao/31127> .

Scott, M. (2011). New Europe, Center Stage. In *The Midway Review*. Consultado a 26 de maio de 2023. Disponível em <http://midwayreview.uchicago.edu/a/7/1/scott/> .

Shaw, L. (1 de setembro de 2021). *Måneskin Italy's First Rock Band to Rule the Charts*. Consultado a 29 de maio de 2023. Disponível em <https://www.bloomberg.com/graphics/pop-star-ranking/2021-september/maneskin-is-italy-s-first-rock-band-to-rule-the-charts.html> .

Sic Notícias. (22 de março de 2023). *Londres ilumina-se pela primeira vez pelo Ramadão*. Consultado a 24 de março de 2023. Disponível em <https://sicnoticias.pt/mundo/2023-03-22-Londres-ilumina-se-pela-primeira-vez-pelo-Ramadao-fa65b43e> .

Stenou, Katérina. (2002). *UNESCO Universal Declaration on Cultural Diversity: a vision, a conceptual platform, a pool of ideas for implementation, a new paradigma*. Consultado a 4 de agosto de 2023. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127162> .

União Europeia. (s/data). *Objetivos e valores*. Consultado a 19 de abril de 2023. Disponível em https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/principles-and-values/aims-and-values_pt .

United States Holocaust Memorial Museum. (s/data). *O Holocausto in Enciplopédia do Holocausto*. Consultado a 24 de março de 2023. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/victims-of-the-nazi-era-nazi-racial-ideology> .

Vranis, M. (10 de maio de 2023). *Eurovision Streaming Success – The highest-earning Eurovision winners on Spotify*. Consultado a 19 de maio de 2023. Disponível em <https://esctoday.com/190979/eurovision-streaming-success-the-highest-earning-eurovision-winners-on-spotify/> .

Anexos

Anexo 1 - Inquérito realizado sobre o Festival Eurovisão da Canção.

O Festival Eurovisão da Canção: Unidade e Diversidade Cultural Europeia

Este inquérito foi desenvolvido no âmbito da dissertação de Mestrado em Literatura, Cultura e Diversidade, da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, para a obtenção do grau de mestre, e visa perceber o contributo do Festival Eurovisão da Canção para a Unidade e Diversidade Cultural no Espaço Europeu. O inquérito é anónimo e demora cerca de 5 minutos a ser respondido. Muito obrigada pela sua participação!

1. Sexo: Feminino Masculino Prefiro não responder
2. Idade: Menos de 20 anos Entre 21 e 29 anos Entre 30 e 39 anos Entre 40 e 49 anos
 Mais de 50 anos
3. Área de Residência: _____
4. Habilitações Literárias: 1º Ciclo ou Ensino Primário 2º Ciclo ou Ensino Preparatório
 3º Ciclo (9º ano de escolaridade) Ensino Secundário
 Curso Tecnológico/Profissional Bacharelato Licenciatura
 Mestrado Doutoramento
5. Ocupação: Estudante Empregado Desempregado
6. Conhece o Festival Eurovisão da Canção: Sim Não
7. Com que frequência acompanha o Festival Eurovisão da Canção: Sempre As vezes
 Raramente Nunca
8. Se costuma assistir ao Festival, quais são as razões que o motivam a fazê-lo?
 Acho interessante
 Por curiosidade
 Apoiar o meu país numa competição europeia
 Gosto de observar diferentes aspetos culturais
 Outra: _____
9. Qual o impacto do Festival Eurovisão da Canção?
 Altera a visibilidade de um país
 Promove a representatividade de diferentes gentes e culturas
 Apresenta-se como um movimento cultural
 Outra: _____

10. Desde a sua criação, em 1956, o seu país já ganhou alguma vez?

Sim Não Não sei

11. Se respondeu sim, acredita que essa vitória trouxe mais visibilidade para a sua cultura e para o seu país?

Sim Não Não sei

12. Considera que elementos como a língua, as vestes típicas e as melodias podem afirmar-se como motor para uma diferenciação cultural?

Sim Não Talvez Não sei

13. Numa apresentação de um determinado país, considera que os elementos anteriormente listados são importantes para a representatividade da cultura de um determinado povo?

Sim Não Talvez Não sei

14. Quais são as vantagens que acredita que esta competição contém?

15. Quais são as desvantagens que acredita que esta competição contém?

Muito obrigado pela sua participação!

Anexo 2 – Respostas ao Inquérito realizado sobre o Festival Eurovisão da Canção.

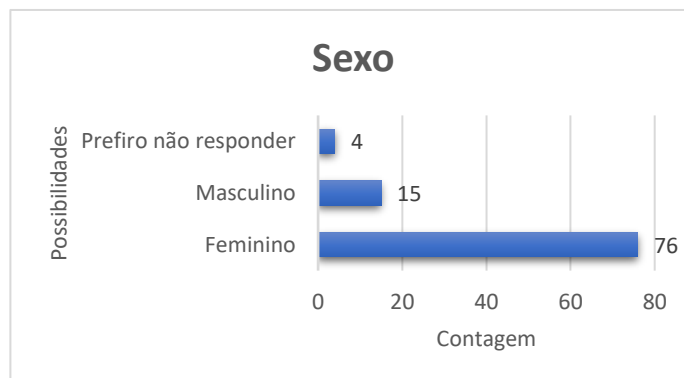
1. Sexo

Feminino: 76 (80%)

Masculino: 15 (15,8%)

Prefiro não responder: 4

(4,2%)



2. Idade

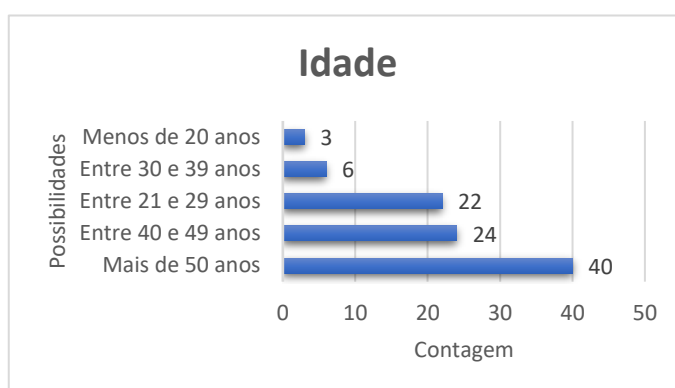
Menos de 20: 3 (3,2%)

Entre 21 e 29 anos: 22 (23,2%)

Entre 30 e 39 anos: 6 (6,3%)

Entre 40 e 49 anos: 24 (25,3%)

Mais de 50 anos: 40 (42,1%)



3. Área de Residência

Funchal: 50 (52,6%)

Caniço: 11 (11,6%)

Camacha: 8 (8,4%)

Santa Cruz: 6 (6,3%)

Câmara de Lobos: 4 (4,2%)

Jersey: 3 (3,2%)

Lisboa: 2 (2,1%)

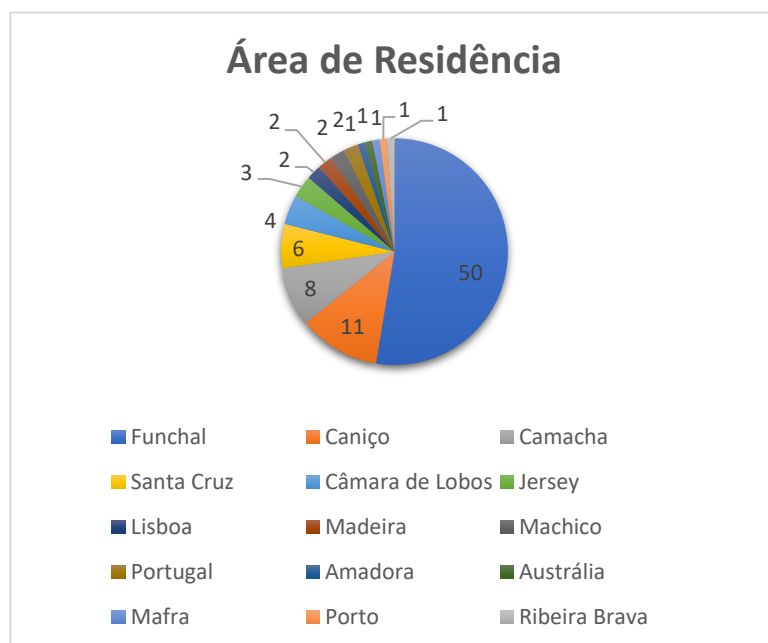
Madeira: 2 (2,1%)

Machico: 2 (2,1%)

Portugal: 2 (2,1%)

Amadora: 1 (1,1%)

Austrália: 1 (1,1%)



Mafra: 1 (1,1%)

Porto: 1 (1,1%)

Ribeira Brava: 1 (1,1%)

4. Habilitações Académicas

1º Ciclo/ Ensino Primário: 2 (2,1%)

2º Ciclo/ Ensino Preparatório: 5
(5,3%)

3º Ciclo/ 9º ano: 11 (11,6%)

Ensino Secundário: 22 (23,2%)

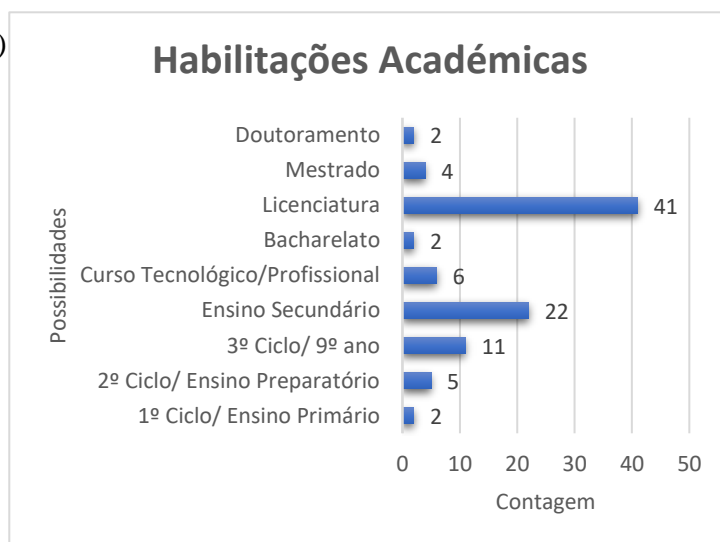
Curso Tecnológico/Profissional: 6
(6,3%)

Bacharelato: 2 (2,1%)

Licenciatura: 41 (43,2%)

Mestrado: 4 (4,2%)

Doutoramento: 2 (2,1%)

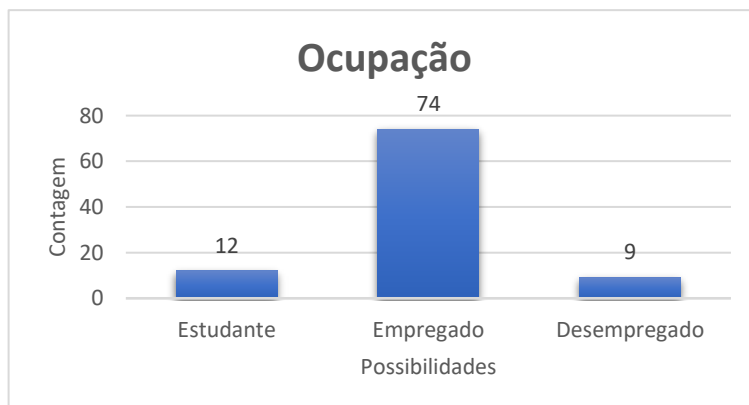


5. Ocupação

Estudante: 12 (12,6%)

Empregado: 74 (77,9%)

Desempregado: 9 (9,5%)



6. Conhece o Festival Eurovisão da Canção

Sim: 95 (100%)

Não: 0



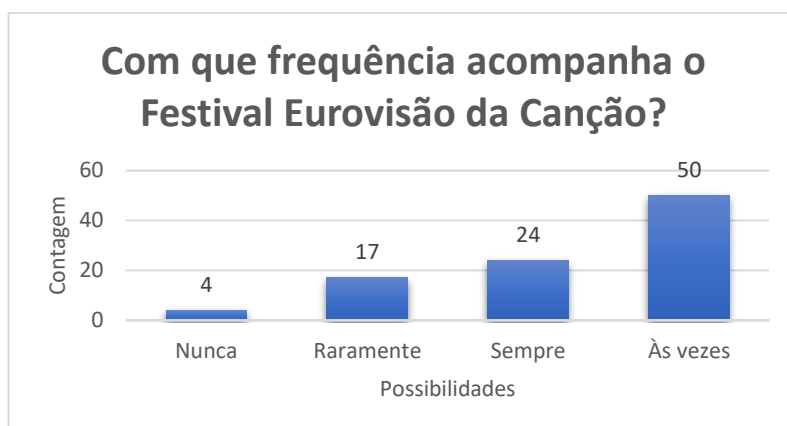
7. Com que frequência acompanha o Festival Eurovisão da Canção

Sempre: 24 (25,3%)

Às vezes: 50 (52,6%)

Raramente: 17 (17,9%)

Nunca: 4 (4,2%)



8. Se costuma assistir ao Festival, quais são a razões que o motivam a fazê-lo?

Acho interessante: 29 (31,9%)

Por curiosidade: 25 (27,5%)

Apoiar o meu país numa competição europeia: 41 (45,1%)

Gosto de observar diferentes aspetos culturais: 29 (31,9%)

Estou ligado ao mundo da música: 1 (1,1%)

Desde há décadas que não há um Festival que me interesse: 1 (1,1%)

Avaliar a qualidade musical: 1 (1,1%)

Acompanhar artistas que gosto: 1 (1,1%)

Algumas tendências ou os Media promovem a Eurovisão e vejo devido a participações específicas que tiveram boas repercussões no público: 1 (1,1%)



9. Qual o impacto do Festival Eurovisão das Canção

Altera a visibilidade de um país: 25 (26,3%)

Promove a representatividade de diferentes gentes e culturas: 61 (64,2%)

Apresenta-se como um movimento cultural: 26 (27,4%)

Corrupção nos direitos televisivos e influência nos resultados: 1 (1,1%)

Promove a dedicação e valorização do património local com as suas adaptações: 1 (1,1%)

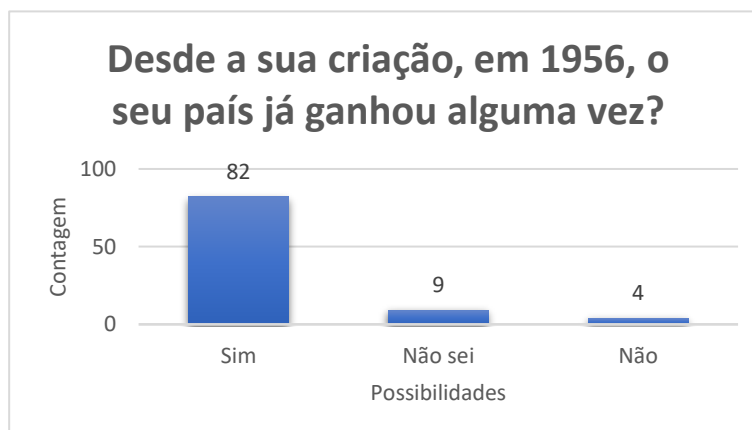


10. Desde a sua criação, em 1956, o seu país já ganhou alguma vez?

Sim: 82 (86,3%)

Não: 4 (4,2%)

Não sei: 9 (9,5%)

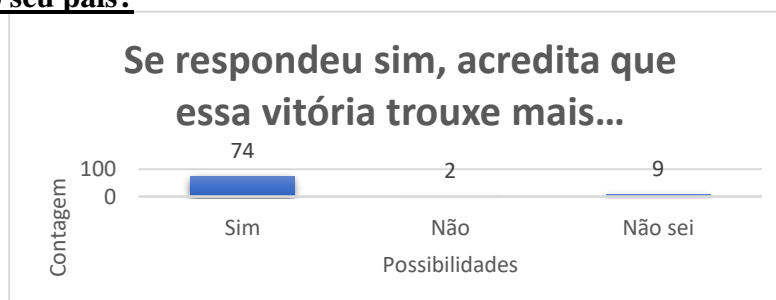


11. Se respondeu sim, acredita que essa vitória trouxe mais visibilidade para a sua cultura e para o seu país?

Sim: 74 (87,1%)

Não: 2 (2,4%)

Não sei: 9 (10,6%)



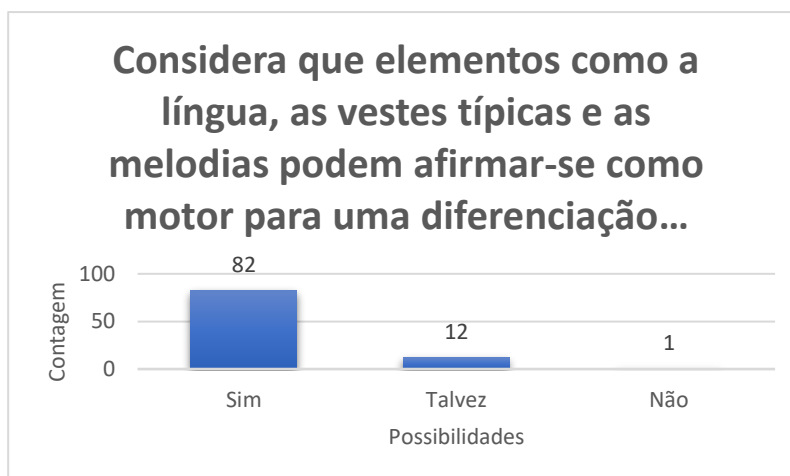
12. Considera que elementos como a língua, as vestes típicas e as melodias podem afirmar-se como motor para uma diferenciação cultural?

Sim: 82 (86,3%)

Não: 1 (1,1%)

Não sei: 0

Talvez: 12 (12,6%)



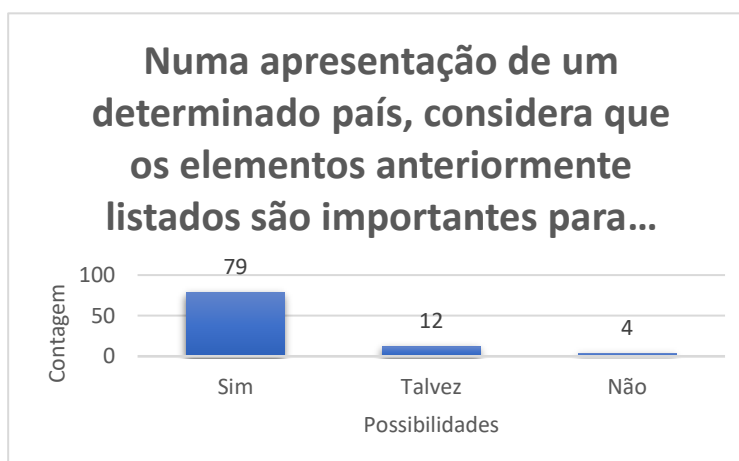
13. Numa apresentação de um determinado país, considera que os elementos anteriormente listados são importantes para a representatividade da cultura de um determinado povo?

Sim: 79 (83,2%)

Não: 12 (4,2%)

Não sei: 0

Talvez: 4 (12,6%)



14. Quais são as vantagens que esta competição contém?

- ✓ Promove a unidade entre os países europeus
- ✓ Divulgação da cultura atraindo mais turismo para o país
- ✓ Representatividade da música nacional
- ✓ Reconhecimento cultural e nacional perante um palco abrangente e diverso em que exalta as artes
- ✓ Observar diferentes culturas musicais que envolvem este espetáculo
- ✓ Divulgação musical
- ✓ Promoção país
- ✓ Conhecer um novo país e cultura
- ✓ Paz
- ✓ Dar visibilidade o país
- ✓ Aprender novas culturas

- ✓ Dar visibilidade ao nosso país
- ✓ Visibilidade
- ✓ Divulgação do país
- ✓ Colocar o país na boca do povo
- ✓ Mostrar cultura, melodias e gentes.
- ✓ Cultura dos povos
- ✓ Dar a conhecer o País
- ✓ A divulgação da interpretação que mais uniu um país.
- ✓ Ainda não sei
- ✓ Bom para promover o país no mundo.
- ✓ Divulgação da cultura do país
- ✓ Diversidade de cultura/ dá a conhecer tradições e costumes
- ✓ A participação de vários países
- ✓ Unir as culturas dos diferentes países.
- ✓ Aos concorrentes para o mundo.
- ✓ Promover a diversidade cultural
- ✓ Demonstração da sua essência e cultura
- ✓ Demonstração da sua essência e valor cultural
- ✓ Promoção do artista; internacionalização da cultural local;
- ✓ Compreensão uns para os outros
- ✓ Dar a conhecer os diferentes estilos musicais, línguas e traços culturais dos diferentes povos europeus, unindo-os em torno de um evento comum e catalisador das suas individualidades enquanto nações independentes, mas ainda assim cooperantes e solidárias na presença das mais diversas contrariedades.
- ✓ Para além das referidas anteriormente é uma forma de promover o gosto pela música.
- ✓ Conhecer diferentes culturas musicais
- ✓ Promove o país e dá visibilidade da sua cultura.
- ✓ Visibilidade, valorização da cultura dos países, união
- ✓ Neste momento muito poucas (tudo é previamente definido, sem espaço para criatividade e espontaneidade dos concorrentes)
- ✓ É bom para a cultura do nosso país
- ✓ Representatividade cultural, visibilidade e competitividade saudável
- ✓ Promove a nossa cultura
- ✓ Representatividade cultural e competitividade
- ✓ As vantagens é que a competição mostra um pouco mais sobre as nossas culturais e mais recursos ao país
- ✓ Diversidade musical e conhecimento de alguns traços musicais característicos de cada país
- ✓ As vantagens desta competição é que cada país poderá mostrar mais das suas tradições e das suas culturas
- ✓ Promover a cultura dos diferentes países e contribuir para o turismo
- ✓ Turismo (aumento) e conhecimento cultural de um país
- ✓ Representatividade cultural e competitividade saudável
- ✓ Promove a visibilidade do país e traz mais turistas a esse país
- ✓ Promove a tolerância cultural, troca de conhecimentos culturais

- ✓ Poderá, eventualmente, servir como promotor dos países que o integram e dar a conhecer os seus pontos fortes em termos turísticos, bem como a sua música popular
- ✓ Surgem novos talentos
- ✓ As vantagens residem no conhecimento de outras culturas, costumes e tradições, na competição saudável entre países e no entretenimento que proporciona
- ✓ Desenvolvimento para o país
- ✓ O evento tem a vantagem de divulgar a música e outros elementos culturais do país representado, por causa da visibilidade da competição; Além de despertar curiosidade turística no país
- ✓ Promover a língua e o país
- ✓ A vantagem mais significativa, na minha opinião, é a promoção e representatividade de diferentes gentes e culturas
- ✓ O vencedor do concurso apresenta o país de uma forma positiva. Serve como uma forma de conduzir o turismo em direção ao país, dando ao país vencedor o benefício. Mas também permite que outras nações que nem sempre estão nos meios de comunicação social tenham a oportunidade de se apresentarem e representarem a si próprios e às pessoas num palco mundial.
- ✓ Acredito que o concurso proporciona um formato para os países de menor dimensão e que não são consistentemente mencionados no mundo e ou conhecidos, terem a oportunidade de participar e demonstrar a sua cultura, através do concurso, o que dá a oportunidade de promover a sua cultura para o mundo em geral.
- ✓ O nome de Portugal estar em competição só por si já é benéfico, mas traz mais pessoas a tentar conhecer onde fica Portugal
- ✓ Multiculturalidade e aproximação de culturas distintas

15. Quais são as desvantagens que esta competição contém?

- ✓ Pode tornar-se imparcial em certos campos como na política
- ✓ N/S
- ✓ Nos últimos tempos, tem havido uma universalização da música dos países. Quase não há diferenças, canto todos em inglês em vez das suas próprias línguas
- ✓ Revoltas e desentendimentos internacionais
- ✓ Para mim, atualmente a Eurovisão está demasiadamente ligada à comunidade LGBTQ+... a verdade é que há muitas mais “minorias” sociais que deveriam ser representadas e nem são faladas no processo do festival
- ✓ Interesses económicos
- ✓ O método de voto
- ✓ Vulgarização, descaracterização cultural por diversos países adotarem língua e estilos que não são os seus
- ✓ Nada
- ✓ Competitividade não saudável
- ✓ Nenhuma
- ✓ Nenhuma
- ✓ Nenhuma

- ✓ Não vejo desvantagens
- ✓ Nenhuma
- ✓ Por vezes vão músicas canções só para "chocar" vazias de tudo.
- ✓ Supostamente não tem desvantagens
- ✓ Desconheço
- ✓ Fazer o país passar por "ridículo"...!
- ✓ Muito mediatismo em relação a um festival que não considero interessante
- ✓ Nenhumas
- ✓ A desvantagem é quando o país não é representado com os seus hábitos, raízes e costumes, mas com interesses políticos e/ou pessoais
- ✓ As questões políticas por vezes associadas e que influenciam a pontuação
- ✓ Não sei dizer, pois, até à data não identifiquei nada de negativo, o festival é muito cativante no meu ponto de vista.
- ✓ Revalidate.
- ✓ Não sei
- ✓ Demonstração da sua essência e cultura
- ✓ Por vezes não reconhecer o verdadeiro valor do País.
- ✓ Relação política e estratégica intercontinental; desvalorização musical em prol do prazer do público;
- ✓ Pode levar ao desenvolvimento de estereótipos
- ✓ Absolutamente nenhuma, a não ser o risco do investimento monetário efetuado não seja, eventualmente, retornado.
- ✓ Nem sempre a representação do país contempla aspetos da sua cultura, o que também pode ser encarado positivamente como uma forma de interculturalidade.
- ✓ Ganham geralmente as músicas de língua universal
- ✓ Requer algum investimento que podia ser banalizado para outras áreas deficitárias ,como a saúde e a educação...
- ✓ Uniformização (linguística, musical, etc), politização na votação
- ✓ Tudo o que acima referi - precisa de se recriar, de dar lugar a algo novo e verdadeiro
- ✓ Não há desvantagens e é bom para o país e o turismo
- ✓ Por vezes há interesses que se sobrepõem à qualidade do artista
- ✓ Por vezes há interesses que se sobrepõem à qualidade do artista
- ✓ Muitas vezes há interesses que se sobrepõem à qualidade do artista
- ✓ Não acredito que trazem muitas desvantagens, mas sim mais vantagens com a competição
- ✓ Não considero que existam desvantagens
- ✓ Não vejo desvantagens
- ✓ O país não valorizar quem participa e muitas vezes os cantores são esquecidos
- ✓ Muitas das vezes há interesses que se sobrepõem à qualidade dos nossos artistas
- ✓ As desvantagens não concordo não ser cantada com a língua do país
- ✓ Em termos de votação, ultimamente, tem-se notado algumas discrepâncias entre as músicas consideradas favoritas e a pontuação final; ou seja, a

pontuação/votação é feita em relação a outros fatores (situação atual do país, situação ou intervenção do cantor da música, entre outros)

- ✓ Não vejo desvantagens
- ✓ A pontuação dada às músicas/canções é, por vezes, politizada
- ✓ Só vantagens. O nosso país principalmente para o turismo
- ✓ A principal desvantagem é que muitas representações com o objetivo de alcançar uma boa participação, descuram a genuinidade da sua cultura e optam por estilos mais globalizados
- ✓ Penso que não terá desvantagens
- ✓ A votação, nem sempre, reflete a qualidade das músicas apresentadas; denota-se interesses políticos e sociais nesta votação
- ✓ O concurso apresenta-se como uma meritocracia onde ganha o melhor desempenho. No entanto, com a recente vitória da Ucrânia, pareceu mais alimentada politicamente e não foi justo para aqueles que, à semelhança da Ucrânia, tinham praticado e passaram por tribulações para se apresentarem apenas para receberem a vitória.
- ✓ Prefiro que os países que entram na Eurovisão utilizem artistas locais para além de talentos mais estabelecidos ou, pelo menos, mantenham a oportunidade de representar o país em detrimento daqueles que o possuem, sejam de facto do próprio país. Caso contrário, parece um pouco desonesto e menos autêntico se escolher alguém de outro país para representar a cultura e identidade do seu país num palco mundial.
- ✓ Quando alguma coisa é mal interpretada por parte de quem está a ouvir
- ✓ A promoção de minorias como quase uma imposição

Anexo 3 - Letra completa de Vesna “My sister’s crown”.

Moje sestra do kouta nepůjde
Ani tebe poslouchat nebude
Moje sestra v srdci je divoká
Copy zaplést, nikdy si nenechá
Moje sestra do kouta nepůjde
Ani tebe poslouchat nebude

My sister's crown
Don't take it down
Don't take it down
Nobody has right to do it

She's beautiful
And capable
She is her own queen
And she will prove it

You can take your hands back
No one wants more boys dead

We're not your dolls
We're not your dolls

Life's not a moneybag
Blood's on your God's head
You can't steal our souls
You can't steal our souls

Syestro krasiva, oy ti sil'na
Khorobra yedina, korona tvoya
Syestro krasiva, oy ti sil'na
Khorobra yedina, korona tvoya

My sister's crown, don't take it down

Day r'ka nye sye strakhoovay
S drooguitye syestri poploovay
V moryeto ni nyamamyemyasto za tyezi omrazi
Pazi, pazi
Nye t'guoovay
Khop trop momitye nye sa non-stop na razpolozyeniye
Ti prosto chye smye syestri do kray znay!

You can take your hands back
No one wants more boys dead
We're not your dolls
We're not your dolls

Life's not a moneybag
Blood's on your God's head
You can't steal our souls
You can't steal our souls

Syestro krasiva, oy ti sil'na
Khorobra yedina, korona tvoya
Syestro krasiva, oy ti sil'na
Khorobra yedina, korona tvoya

My sister's crown, don't take it down
My sister's crown, don't take it down

All the sisters of the world
Come together with a prayer
Choose love over power

Syestro krasiva, oy ti sil'na
Khorobra yedina, korona tvoya
Syestro krasiva, oy ti sil'na
Khorobra yedina, korona tvoya

Syestro krasiva, oy ti sil'na (My sister's crown, don't take it down)
Khorobra yedina, korona tvoya
Syestro krasiva, oy ti sil'na (My sister's crown, don't take it down)
Khorobra yedina, korona tvoya

Syestro krasiva, oy ti sil'na (My sister's crown, don't take it down)
Khorobra yedina, korona tvoya
Syestro krasiva, oy ti sil'na (My sister's crown, don't take it down)
Khorobra yedina, korona tvoya

Jsme v srdcích s tebou
We stand for you

Anexo 4 – Letra completa de Let 3 “Mama ŠČ”

Mama kupila traktora, šč
Mama kupila traktora, šč
Mama kupila traktora
Trajna-nina, armagedon, nona, šč

Mama kupila traktora, šč
Mama kupila traktora, šč
Mama kupila traktora
Trajna-nina, armagedon, nona
Traktora

Mama ljubila morona, šč
Mama ljubila morona, šč
Mama ljubila morona
Trajna-nina, armagedon, nona

A, b, c, č, ć, d, dž, đ (A, b, c, č, ć, d, dž, đ)
E, f, g, h, i, j, k, l, lj, m, n, nj (A, b, c, č, ć, d, dž, đ, oprez, oprez)
O, p, r, s, š, t, u, v, z, ž (V, d, z, v, d, z)
Mama, mama, mama, ja se idem igrat'
Mama, idem u rat

Onaj mali psihopat (R-r-rat, rat)
Mali, podli psihopat (R-r-rat, rat)
Krokodilski psihopat (R-r-rat, rat)
Mama, idem u rat

Traktora

Mama ljubila morona, šč
Mama ljubila morona, šč
Mama ljubila morona
Trajna-nina, armagedon, nona

Onaj mali psihopat (Mama, idemo u rat)
Mali, podli psihopat (Rat, rat)
Krokodilski psihopat (Mama, idemo u rat)
Mama, idem u rat
Onaj mali psihopat (Mama, idemo u rat)
Mali, podli psihopat (Rat, rat)
Krokodilski psihopat (Mama, idemo u rat)
Mama, idem u rat
Mama, mama, mama
Onaj mali psihopat (Mama, idemo u rat)
Mali, podli psihopat (Rat, rat)
Krokodilski psihopat (Mama, idemo u rat)
Mama, idem u rat

Šč!

Anexo 5 – Letras das canções vencedoras dos últimos 10 anos do Festival Eurovisão da Canção.

2013: Emmelie de Forest “Only Teardrops

The sky is red tonight
We're on the edge tonight
No shooting star to guide us

Eye for an eye, why tear each other apart?
Please tell me why, why do we make it so hard?
Look at us now, we only got ourselves to blame
It's such a shame

How many times can we win and lose?
How many times can we break the rules between us?
Only teardrops

How many times do we have to fight?
How many times till we get it right between us?
Only teardrops

So come and face me now
Here on the stage tonight
Let's leave the past behind us

Eye for an eye, why tear each other apart?
Please tell me why, why do we make it so hard?
Look at us now, we only got ourselves to blame
It's such a shame

Tell me
How many times can we win and lose?
How many times can we break the rules between us?
Only teardrops

How many times do we have to fight?
How many times till we get it right between us?
Only teardrops

(Tell me now) what's gone between us has come between us
Only teardrops
(Tell me now) what's gone between us has come between us

How many times can we win and lose?
How many times can we break the rules between us?
Only teardrops

How many times do we have to fight?
How many times till we get it right between us?
Only teardrops, only teardrops

Only teardrops
Only teardrops

How many times can we win and lose?
How many times can we break the rules between us?
Only teardrops

How many times do we have to fight?
How many times till we get it right between us?
Only teardrops

2014: Conchita Wurst "Rise like a Phoenix"

Waking in the rubble
Walking over glass
Neighbours say we're trouble
Well that time has passed
Fearing from the mirror
No, that isn't me
A stranger getting nearer
Who can this person be?

You wouldn't know me at all
Today
From the fading light I'll fly

Rise like a phoenix
Out of the ashes
Seeking rather than vengeance
Retribution
You were warned
Once I'm transformed
Once I'm reborn
You know I will rise like a phoenix
But you're my flame

Go about your business
Act as if you're free
No one could have witnessed
What you did to me

Cause you wouldn't know me today
And you have got to see
To believe
From the fading light I fly

Rise like a phoenix
Out of the ashes
Seeking rather than vengeance
Retribution
You were warned
Once I'm transformed
Once I'm reborn

I'll rise up to the sky
You threw me down but
I'm gonna fly

And rise like a phoenix
Out of the ashes
Seeking rather than vengeance
Retribution
You were warned
Once I'm transformed
Once I'm reborn
You know I will rise like a phoenix
But you're my flame

2015: Måns Zelmerlöw "Heroes"

Don't tell the gods I left a mess
I can't undo what has been done
Let's run for cover
What if I'm the only hero left?
You better fire off your gun
Once and forever
He said go dry your eyes
And live your life like there is no tomorrow son
And tell the others

To go sing it like a hummingbird
The greatest anthem ever heard
We are the heroes of our time
But we're dancing with the demons in our minds
We are the heroes of our time
Heroes, oh whoa
But we're dancing with the demons in our minds
Heroes, oh whoa

We are the heroes of our time
Heroes, oh whoa
But were dancing with the demons in our minds
Heroes, oh whoa
The crickets sing a song for you
Don't say a word, don't make a sound
It's life's creation

I make worms turn into butterflies
Wake up and turn this world around
In appreciation
He said I never left your side
When you were lost I followed right behind
Was your foundation

Now go sing it like a hummingbird
The greatest anthem ever heard
Now sing together
We are the heroes of our time
Heroes, oh whoa
But we're dancing with the demons in our minds
Heroes, oh whoa

We are the heroes
(We keep dancing with the demons)
(You could be a hero)
Now go sing it like a hummingbird
The greatest anthem ever heard
Now sing together

We are the heroes of our time
Heroes, oh whoa
But we're dancing with the demons in our minds
Heroes, oh whoa
We are the heroes of our time
Heroes, oh whoa
But we're dancing with the demons in our minds
Heroes, oh whoa
We are the heroes

2016: Jamala "1994"

When strangers are coming
They come to your house
They kill you all
And say
We're not guilty
Not guilty

Where is your mind?
Humanity cries
You think you are gods
But everyone dies

Don't swallow my soul
Our souls

Yasligima toyalmadim
Men bu yerde yasalmadim
Yasligima toyalmadim
Men bu yerde yasalmadim

We could build a future
Where people are free
To live and love
The happiest time

Where is your heart?
Humanity rise
You think you are gods
But everyone dies
Don't swallow my soul
Our souls

Yasligima toyalmadim
Men bu yerde yasalmadim
Yasligima toyalmadim
Men bu yerde yasalmadim

2017: Salvador Sobral “Amar pelos dois”

Se um dia alguém perguntar por mim
Diz que vivi para te amar
Antes de ti, só existi
Cansado e sem nada para dar

Meu bem, ouve as minhas preces
Peço que regresse, que me voltes a querer
Eu sei que não se ama sozinho
Talvez, devagarinho, possas voltar a aprender

Meu bem, ouve as minhas preces
Peço que regresse, que me voltes a querer
Eu sei que não se ama sozinho
Talvez, devagarinho, possas voltar a aprender

Se o teu coração não quiser ceder
Não sentir paixão, não quiser sofrer
Sem fazer planos do que virá depois
O meu coração pode amar pelos dois

2018: Netta “Toy”

Ree, I'm not your, hey, hm, la
Ree, hey, hm, I'm not your-

Look at me, I'm a beautiful creature
I don't care about your modern time preacher
Welcome boys, too much noise, I will teach ya
Pam pam pa hoo, turrām pam pa hoo

Hey, I think you forgot how to play
My teddy bear's running away
The Barbie got something to say
Hey, hey, hey, hey
My "Simon says" leave me alone
I'm taking my Pikachu home
You're stupid just like your smartphone

Wonder Woman don't you ever forget
You're divine and he's about to regret
He's a bucka-mhm-buckbuckbuck-mhm boy
Bucka-mhm-buckbuckbuck
I'm not your bucka-mhm-buck-mhm-buck-mhm

I'm not your toy (not your toy)
You stupid boy (stupid boy)
I'll take you down now, make you watch me
Dancing with my dolls on the motha-bucka beat
Not your toy (cululoo, cululoo)
(Cululoo, cululoo)

A-a-a ani lo buba
Don't you go and play with me boy!
A-a-a ani lo buba
Don't you go and play, shake!

Hey! Wedding bells ringing
(Cululoo, cululoo) Hey! Money men bling-bling
I don't care about your stefa, baby
Pam pam pa hoo, turrām pam pa hoo

Wonder Woman don't you ever forget
You're divine and he's about to regret
He's a bucka-mhm-buckbuckbuck-mhm boy
Bucka-mhm-buckbuckbuck
I'm not your bucka-mhm-buck-mhm-buck-mhm

I'm not your toy (not your toy)
You stupid boy (stupid boy)
I'll take you down now, make you watch me
Dancing with my dolls on the motha-bucka beat
Not your toy (not your toy)
You stupid boy (stupid boy)

I'll t-t-t-take you now w-w-w-with me now, boy

I'm not your toy
You stupid boy
I'll take you down now, make you watch me
Dancing with my dolls on the motha-bucka beat

Look at me, I'm a beautiful creature
(You stupid boy)
I don't care about your modern time preacher
(I'm not your toy)
Not your toy, not your toy, not your toy, toy
I'm not your toy, not your toy, not your toy, toy

2019: Duncan Laurence "Arcade"

A broken heart is all that's left
I'm still fixing all the cracks
Lost a couple of pieces when
I carried it, carried it, carried it home

I'm afraid of all I am
My mind feels like a foreign land
Silence ringing inside my head
Please, carry me, carry me, carry me home

I've spent all of the love I saved
We were always a losing game
Small-town boy in a big arcade
I got addicted to a losing game

Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh
All I know, all I know
Loving you is a losing game

How many pennies in the slot?
Giving us up didn't take a lot
I saw the end 'fore it begun
Still I carried, I carried, I carry on

Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh
All I know, all I know
Loving you is a losing game

Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh
All I know, all I know
Loving you is a losing game

I don't need your games, game over
Get me off this rollercoaster

Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh
All I know, all I know
Loving you is a losing game

Oh-oh-oh-oh, oh-oh-oh-oh
All I know, all I know
Loving you is a losing game

2021: Mäneskin “Zitti e buoni”

Loro non sanno di che parlo
Vestiti sporchi, fra', di fango
Giallo di siga' fra le dita
Io con la siga' camminando
Scusami, ma ci credo tanto
Che posso fare questo salto
E anche se la strada è in salita
Per questo ora mi sto allenando

E buonasera, signore e signori
Fuori gli attori
Vi conviene toccarvi i coglioni
Vi conviene stare zitti e buoni
Qui la gente è strana tipo spacciatori
Troppe notti stavo chiuso fuori
Mo li prendo a calci 'sti portoni
Sguardo in alto tipo scalatori
Quindi scusa mamma se sto sempre fuori, ma

Sono fuori di testa, ma diverso da loro
E tu sei fuori di testa, ma diversa da loro
Siamo fuori di testa, ma diversi da loro
Siamo fuori di testa, ma diversi da loro

Io ho scritto pagine e pagine
Ho visto sale, poi lacrime
Questi uomini in macchina
Non scalare le Rapide
Scritto sopra una lapide:
In casa mia non c'è Dio
Ma se trovi il senso del tempo
Risalirai dal tuo oblio
E non c'è vento che fermi
La naturale potenza
Dal punto giusto di vista
Del vento senti l'ebrezza
Con ali in cera alla schiena
Ricercherò quell'altezza
Se vuoi fermarmi ritenta
Prova a tagliarmi la testa
Perché

Sono fuori di testa, ma diverso da loro
E tu sei fuori di testa, ma diversa da loro
Siamo fuori di testa, ma diversi da loro
Siamo fuori di testa, ma diversi da loro

Parla la gente purtroppo
Parla, non sa di che cosa parla
Tu portami dove sto a galla
Che qui mi manca l'aria

Parla la gente purtroppo
Parla, non sa di che cosa parla
Tu portami dove sto a galla
Che qui mi manca l'aria

Parla la gente purtroppo
Parla, non sa di che cazzo parla
Tu portami dove sto a galla
Che qui mi manca l'aria

Ma sono fuori di testa, ma diverso da loro
E tu sei fuori di testa, ma diversa da loro
Siamo fuori di testa, ma diversi da loro
Siamo fuori di testa, ma diversi da loro

Noi siamo diversi da loro

2022: Kalush Orchestra “Stefania”

Стефанія мамо, мамо Стефанія
Розквітає поле, а вона сивіє
Заспівай мені мамо колискову
Хочу ще почути твоє рідне слово

Вона мене колисала дала мені ритм
І напевне силу волі не забрати в мене, бо дала вона
Напевне знала може більше і від Соломона
Ломаними дорогами прийду я завжди до тебе

Вона не розбудить, не будить, мене в сильні бурі
Забере в бабулі дві дулі, ніби вони кулі
Дуже добре знала мене не була обманута
Як була дуже втомлена, гойдала мене в такт

Люлі люлі люлі гой

Стефанія мамо, мамо Стефанія
Розквітає поле, а вона сивіє
Заспівай мені мамо колискову
Хочу ще почути твоє рідне слово

Я не в пеленах но ма но ма, хватить
Як би я не виріс на виріст за речі платить
Я не мала дитина, вона далі нерви тратить
Я гуляв, шляк би тебе трафив

Ти все молода о мамо на піку
Якщо не ціню опіку на піку слави мені в тупіку
Забивайте піку цю піку, я би попик спік, своєю любов'ю

Люлі люлі люлі гой

Стефанія мамо, мамо Стефанія
Розквітає поле, а вона сивіє
Заспівай мені мамо колискову
Хочу ще почути твоє рідне слово

Стефанія мамо, мамо Стефанія
Розквітає поле, а вона сивіє
Заспівай мені мамо колискову
Хочу ще почути твоє рідне слово

2023: Loreen "Tattoo"

I don't wanna go
But, baby, we both know
This is not our time
It's time to say goodbye

Until we meet again
'Cause this is not the end
It will come a day
When we will find our way

Violins playing and the angels crying
When the stars align, then I'll be there

Oh, I don't care about them all
'Cause all I want is to be loved
And all I care about is you
You stuck on me like a tattoo

No, I don't care about the pain
I'll walk through fire and through rain
Just to get closer to you
You stuck on me like a tattoo

I'm letting my hair down
I'm taking it cool
You got my heart in your hand
Don't lose it, my friend
It's all that I got

Violins playing and the angels crying
When the stars align then I'll be there

Oh, I don't care about them all
'Cause all I want is to be loved
And all I care about is you
You stuck on me like a tattoo

No, I don't care about the pain
I'll walk through fire and through rain
Just to get closer to you
You stuck on me like a tattoo

Oh, I don't care about them all
'Cause all I want is to be loved
And all I care about is you
You stuck on me like a tattoo

No, I don't care about the pain
I'll walk through fire and through rain
Just to get closer to you
You stuck on me like a tattoo

All I care about is love
Oh, oh, oh
All I care about is love

You stuck on me like a tattoo